

la fundación

Revista da Fundación MAPFRE#61
Dezembro 2022
www.fundacionmapfre.org



Comprometidos
**PRÊMIOS
SOCIAIS 2022**

Arte
**Leonora
Carrington.
Revelação**

Cuide-se
**INFLUENCERS ADOLESCENTES
NA LUTA CONTRA
O ABANDONO ESCOLAR**

Ageingnomics
**O TALENTO SÊNIOR
REIVINDICA SEU LUGAR**

VISITA NUESTRAS EXPOSICIONES VISIT OUR EXHIBITIONS

www.fundacionmapfre.org
Fundación **MAPFRE**

Leonora Carrington
Artes, 110, 1944
Óleo sobre lienzo/
Oil on canvas
40,64 x 60,96 cm
(PG2012.1.12)
Collection of Stanley and
Pearl Goodman, promised
gift to NSU Art Museum,
Fort Lauderdale, USA
© Estate of Leonora
Carrington / VEGAP,
Madrid, 2022

LEONORA CARRINGTON

Lugar
Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Fechas
Del 11/02/2023 al 07/05/2023

Horario de visitas
Lunes de 14.00 a 20.00 h.
Martes a sábado de 11.00 a 20.00 h.
Domingos y festivos de 11.00 a 19.00 h.
Acceso gratuito los lunes



LEONORA CARRINGTON

Location
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Dates
From 02/11/2023 to 05/07/2023

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 11 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

Facundo Zuviría
Vista desde la oficina,
Buenos Aires, 1987

FACUNDO DE ZUVIRÍA

Lugar
Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Fechas
Del 11/02/2023 al 07/05/2023

Horario de visitas
Lunes de 14.00 a 20.00 h. Martes a sábado de 11.00
a 20.00 h. Domingos y festivos de 11.00 a 19.00 h.
Acceso gratuito los lunes



FACUNDO DE ZUVIRÍA

Location
Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Dates
From 02/11/2023 to 05/07/2023

Visiting hours
Monday from 2 pm to 8 pm. Tuesday to Saturday from
11 am to 8 pm. Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

Ilse Bing
Autorretrato con Leica
[Self-portrait with Leica],
1931
26,5 x 30,7 cm
Colección de Michael Mattis
y Judith Hochberg, Nueva
York
© Estate of Ilse Bing
Photograph: Jeffrey Sturges

ILSE BING

Lugar
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

Fechas
Del 16/02/2023 al 14/05/2023

Horario general
Lunes [excepto festivos]: Cerrado
1 octubre-31 marzo:
Martes a domingos [y festivos]: 11.00 a 19.00 h
1 abril-30 septiembre:
Martes a domingos [y festivos]: 11.00 a 20.00 h



ILSE BING

Location
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

Dates
From 02/16/2023 to 05/14/2023

Opening times
Mondays [except holidays]: Closed.
October 1-March 31:
Tuesdays to Sundays [and holidays]: 11 a.m.-7 p.m.
April 1-September 30:
Tuesdays to Sundays [and holidays]: 11 a.m.-8 p.m.

Anastasia Samoylova
© Anastasia Samoylova

ANASTASIA SAMOYLOVA

Lugar
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

Fechas
Del 16/02/2023 al 14/05/2023

Horario general
Lunes [excepto festivos]: Cerrado
1 octubre-31 marzo:
Martes a domingos [y festivos]: 11.00-19.00 h
1 abril-30 septiembre:
Martes a domingos [y festivos]: 11.00-20.00 h



ANASTASIA SAMOYLOVA

Location
KBr Fundación MAPFRE
Ronda del Litoral 30, 08005 Barcelona

Dates
From 02/16/2023 to 05/14/2023

Opening times
Mondays [except holidays]: Closed.
October 1-March 31:
Tuesdays to Sundays [and holidays]: 11 a.m.-7 p.m.
April 1-September 30:
Tuesdays to Sundays [and holidays]: 11 a.m.-8 p.m.



**EVITA COLAS COMPRANDO
ONLINE TUS ENTRADAS**
**BEAT THE QUEUE,
BUY YOUR TICKETS ONLINE**



**¡RESERVA TUS ENTRADAS!!
BOOK YOUR TICKETS!!**

www.entradas.fundacionmapfre.org



A solidariedade tem um enorme efeito multiplicador

Muitas pessoas «vivem situações extremamente dramáticas diariamente e acordam todos os dias pensando positivo para continuar cuidando das pessoas que sofrem e que precisam delas». Com estas palavras, Antonio Huertas, presidente da Fundación MAPFRE, felicitou os ganhadores dos Prêmios Sociais Fundación MAPFRE 2022.

Num ato presidido por Sua Majestade a Rainha Sofia e que contou com a presença de Milagros

Paniagua, Secretária-Geral de Objetivos e Políticas de Inclusão e Previdência Social da Espanha, receberam os prêmios Carolina Herrera (Prêmio Por Toda Uma Vida Profissional), Fundación Integra (Melhor Entidade por sua Trajetória Social), Médicos Sem Fronteiras Espanha por seu trem-hospital na Ucrânia (Melhor Projeto ou Iniciativa por seu Impacto Social) e Bodega Matarromera (Melhor Iniciativa no Setor Agropecuário). ✕

la fundación Revista da Fundación MAPFRE Presidente do Conselho Editorial Ignacio Baeza Diretor Javier Fernández González Edição Direção de Comunicação da MAPFRE Redação Ctra. de Pozuelo 52. 28222 Majadahonda. Madrid. F 915 815 359. comunicacion@mapfre.com www.fundacionmapfre.org Distribuição Área de Marketing da Fundación MAPFRE. Pº de Recoletos, 23. 28004 Madrid Realização editorial Moonbook S.L. contenidos@moonbook.es Impressão Gráficas Monterreina. Depósito legal M-26870-2008 ISSN 1888-7813 A publicação desta revista não necessariamente supõe a concordância da Fundación MAPFRE com o conteúdo dos artigos e trabalhos nela contidos. A reprodução de artigos e notícias é autorizada desde que conte com prévia e expressa autorização dos editores, e sempre citando sua origem. Capa Leonora Carrington, *Ballerina (Mythical Figure)*, 1954. Private collection. © Estate of Leonora Carrington / VEGAP, Madrid, 2023. Photo: © 2022. Christie's Images, London/Scala, Florence

sumário

PRÊMIOS SOCIAIS FUNDACIÓN MAPFRE 2022



LEONORA CARRINGTON



Leonora Carrington
La joie de patinage (A alegria de patinar), 1941
Óleo sobre tela. 45,7 x 60,9 cm
Coleção Pérez Simón, México. Cortesia Christie's Nova York
© Estate of Leonora Carrington / VEGAP, Madrid, 2022

ANASTASIA SAMOYLOVA. IMAGE CITIES, A NÃO-CIDADE



Anastasia
Samoylova
*Lona impresa para
cubrir un edificio,
Moscú, 2021*
Impresión de tintas
pigmentadas sobre
papel Hahnemühle
Photo Rag Bright
White de 310 g.
Cortesia
de la artista.
© Anastasia Samoylova



EM PRIMEIRA PESSOA

6 PRÊMIOS SOCIAIS FUNDACIÓN MAPFRE 2022

Mais um ano reconhecemos o esforço de pessoas e entidades que melhoram a vida de outras pessoas.

ARTE



20 LEONORA CARRINGTON

A primeira exposição antológica dedicada a esta artista poderá ser visitada de 9 de fevereiro a 7 de maio de 2023 na Sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madrid.



28 FACUNDO ZUVIRÍA

De 9 de fevereiro a 7 de maio de 2023 na Sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madrid.



36 ANASTASIA SAMOYLOVA. IMAGE CITIES, A NÃO-CIDADE

De 15 de fevereiro a 14 de maio de 2023, o trabalho da fotógrafa russo-americana, vencedora da primeira edição do KBr Photo Award, poderá ser visitado no Centro de Fotografia KBr, em Barcelona.



CUIDE-SE

44 INFLUENCERS NA LUTA CONTRA O ABANDONO ESCOLAR

O projeto ENDING utiliza a metodologia de aprendizagem entre pares para combater o abandono escolar causado pelo abuso das novas tecnologias.

48

OS NOVOS VILÕES ALIMENTARES

Analizamos a tendência social de apostar em dietas de exclusão sem diagnóstico médico.

PREVENÇÃO E SEGURANÇA VIÁRIA

52

QUANDO DIZER ADEUS ÀS CHAVES?

Estudo realizado no Brasil analisa a relação entre a população idosa, a condução de veículos e o momento em que param de dirigir

56

CIBERLAND, ATRAÇÕES CONTRA OS RISCOS DO MUNDO VIRTUAL

Te apresentamos o novo espaço de conhecimento e conscientização sobre a internet e as redes sociais que em breve chegará à sua cidade.

60 AGEINGNOMICS

O TALENTO SÊNIOR REIVINDICA SEU LUGAR

Comentamos as principais conclusões do II Mapa do Talento Sênior, Espanha no contexto europeu.

64 OUTRA MANEIRA DE AJUDAR

66 A FUNDACIÓN MAPFRE GUANARTEME MUDA DE NOME



OS NOVOS VILÕES ALIMENTARES



CIBERLAND, UM PARQUE DE DIVERSÕES CONTRA OS RISCOS DO MUNDO VIRTUAL



O TALENTO SÊNIOR REIVINDICA SEU LUGAR





Prêmios Sociais Fundación MAPFRE 2022

A organização Médicos Sem Fronteiras, a Fundación Integra, o viticultor Carlos Moro e a estilista Carolina Herrera foram os vencedores desta edição

TEXTO: ÁNGEL MARTOS FOTOGRAFIA: ALBERTO CARRASCO

«Nunca falta recompensa àquele que faz o bem», escreveu Miguel de Cervantes em uma de suas melhores peças (*El rufián dichoso*). Uma máxima à qual os Prêmios Sociais da Fundación MAPFRE, homenageiam mais um ano, concebidos para reconhecer o trabalho e a dedicação de pessoas e projetos que geram mudanças positivas e contribuem para fazer deste mundo um lugar melhor. Um objetivo que, mais uma vez, foi cumprido durante a cerimônia de entrega

dos prêmios no dia 6 de outubro no Casino de Madrid, numa celebração presidida por Sua Majestade a Rainha Sofia, que contou com a presença de Milagros Paniagua, Secretária-Geral de Objetivos e Políticas de Inclusão e Previdência Social da Espanha.

«Estou muito feliz em receber este prêmio em Madrid», declarou em seu discurso um dos grandes nomes da noite, a empresária e estilista Carolina Herrera. «Todos os premiados desenvolveram um trabalho social



generoso e relevante para que as pessoas que por diversos motivos precisam da solidariedade de todos nós tenham a oportunidade de uma vida melhor e assim poder alcançar um bem comum», ressaltou. Seu discurso ao receber o prêmio à toda uma vida profissional compôs a melodia de uma noite de solidariedade e visão ativa de um futuro melhor. Herrera recebeu esta distinção por toda uma carreira profissional ligada ao seu lado mais solidário na luta contra a desnutrição, pelo bem-estar das crianças, na luta e prevenção do câncer de mama e desenvolvimento feminino. Além disso, durante a pandemia de coronavírus, e em colaboração com a Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho, lançou a iniciativa Carolina Herrera Heart for Hope, por meio da qual arrecadou 7 milhões de dólares para fornecer suprimentos médicos e apoio psicológico em todo o mundo.

Os outros três premiados foram a Fundación Integra (Melhor Entidade por sua Trajetória Social), o trem hospital na Ucrânia do Médicos Sem Fronteiras Espanha (Melhor Projeto ou Iniciativa por seu Impacto Social) e a Bodega Matarromera (Melhor Iniciativa no Setor Agropecuário). Ao todo, 1.432 candidaturas da Europa, Estados Unidos e América Latina foram submetidas a esta edição dos Prêmios Sociais da Fundación MAPFRE, cuja premiação total é de 120.000 euros.

Antonio Huertas, presidente da Fundación MAPFRE, parabenizou os vencedores, e especialmente aqueles que «vivem situações extremamente dramáticas diariamente e levantam-se todos os dias pensando positivo para continuar cuidando das pessoas que sofrem e que precisam dessa ajuda».

A cerimônia de premiação foi apresentada pela jornalista Lary León, outra mulher solidária, diretora do canal de TV FAN3 para crianças hospitalizadas e líder de projetos de ajuda ao terceiro mundo, além de um exemplo de superação (nasceu sem braços e sem uma perna). Foi ela quem realizou as diferentes intervenções sobre os vencedores.

Ana Botella, presidente da Fundación Integra, entidade criada em 2001 com o objetivo de apoiar a empregabilidade de pessoas que, por diversas circunstâncias (ex-presidiários, ex-toxicodependentes, mulheres vítimas de violência de gênero, pessoas em situação de rua...), encontram maiores dificuldades para a sua inserção na sociedade, afirmou no evento que «ao chegarem, é lhes

oferecida uma segunda oportunidade de começar uma nova vida graças à obtenção de um emprego». A Fundación Integra proporcionou empregos em todos esses anos a mais de 19.500 pessoas, das quais 70% são mulheres. «É a medida social mais importante, que lhes vai permitir ter uma vida digna», ressaltou a fundadora, que quis agradecer aos mais de 3.000 voluntários que colaboram na formação destas pessoas, bem como às 61 empresas que fazem parte da rede de empregos.

O prêmio ao Médicos Sem Fronteiras Espanha foi recebido por sua presidente, Paula Gil, em nome de «todas e todos os meus colegas ucranianos que há mais de sete meses dão o indizível para aliviar o sofrimento causado por esta guerra». A associação médico-humanitária, que conta com 600 pessoas na Ucrânia (80% nacionais), encontrou uma solução para descongestionar o sistema de saúde nas zonas mais próximas dos combates com a Rússia: um trem hospital que transporta os pacientes que estão na linha de frente do fogo até o oeste do país. Desde o seu lançamento, foram realizadas 58 viagens e transferidos 1.811 pacientes e 78 menores evacuados de um orfanato. Mas, como denuncia Gil, «a tempestade atinge muito além do leste europeu e com muito mais força as comunidades mais vulneráveis», desde o cinturão de Sahel e leste da África até o Sudão do Sul, Somália ou noroeste da Nigéria.

A sustentabilidade também foi protagonista desta premiação, com Carlos Moro, fundador e presidente da Bodega Matarromera, Melhor Iniciativa no Setor Agropecuário. Um prêmio que reconhece o compromisso com a inovação e a sustentabilidade de uma empresa com mais de 30 anos de experiência. «Trabalhamos por e para os nossos vilarejos e seus habitantes», defendeu o empresário, «para gerar empregos e atividade empresarial no meio rural, aproveitando a versatilidade das terras que, aliado a processos inovadores, é uma aposta firme na tecnologia e uma firme defesa da sustentabilidade e da igualdade». Presente em seis denominações de origem (Rueda, Ribera del Duero, Cigales, Toro, Rioja e Ribeiro) através de suas 10 vinícolas, a Bodega Matarromera é líder em Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I) e aposta no respeito ao meio ambiente através da construção de instalações ecoeficientes, agricultura ecológica, gestão de resíduos e energias renováveis. ✘



Carolina Herrera

«Para ter sucesso, você precisa se cercar de grandes pessoas. Eu as tive por perto e sou grata por isso»

TEXTO: NURIA DEL OLMO FOTOGRAFIAS: ©GORKA POSTIGO

Quando lançou sua primeira coleção, no início dos anos 80, muitos lhe disseram que não duraria mais de um ano. Desde então, trabalhou arduamente e conheceu o sucesso profissional e pessoal, tudo graças às pessoas que a acompanharam num percurso que começou aos 40 anos. Carolina Herrera (Caracas, 1939) é uma das mais reconhecidas estilistas internacionais que tem trabalhado pela beleza e elegância, palavra que considera estar em desuso. Prestes a completar 84 anos, sente-se satisfeita e grata com a vida, algo que demonstra com o trabalho social que desenvolve, com projetos que dão oportunidade de uma vida melhor a pessoas em situação de exclusão.

Sempre que aterrissa em Madrid fica feliz. Aqui é recebida por familiares e amigos e, depois de Nova York, é a cidade onde gostaria de morar. Ela se apoia, muito sorridente, no parapeito do terraço da sede da Fundación MAPFRE, contemplando maravilhada as vistas do Paseo de Recoletos, numa tarde quente de setembro, vestida com uma camisa de babados e jeans. É a única entrevista que concedeu antes de partir para Nova York, cidade que sempre achou fascinante e onde se sente à vontade.

Foram mais de 70 desfiles e 40 anos de dedicação à moda. E, aos 83 anos, continua mais ativa e positiva do que nunca, com muito senso de humor. Que balanço você faz dessa trajetória?

Fico realmente muito satisfeita quando vejo tudo o que fiz na vida, sem dúvida graças a um marido incrível [o aristocrata Reinaldo Herrera], que me apoiou em tudo, em quem pude confiar cem por cento e que também sempre teve um bom gosto. Na vida, para ter sucesso, você precisa se cercar

de grandes pessoas, que te apoiem e te defendam. Acredito que o parceiro tem um papel fundamental, porque aos filhos você quase sempre convence. Tive a sorte de me cercar de bons aliados e sou grata.

E agora, em que fase você está?

Agora estou muito feliz por ter me aposentado, principalmente depois de ter encontrado a pessoa perfeita para dar continuidade ao meu legado e que entendeu o estilo e os valores da marca. Procurei alguém que não mudasse completamente



o estilo Carolina Herrera, algo que se vê com frequência neste setor, e encontrei.

Refere-se ao designer americano, Wes Gordon.

Sim, compartilho com ele a ideia de que a moda é vida e

alegria, que é muito mais que uma peça de roupa. Graças a ele nunca mais coloquei os pés no escritório. Vejo seus desfiles quando vou à passarela e fico orgulhosa. Ele assumiu a propriedade total da marca, como eu esperava, sem minha

ajuda, e acho que está fazendo um ótimo trabalho, preservando a personalidade da marca. É uma maravilha.

Você criou a marca sozinha quando completou 42 anos. O que a levou a ser designer e empresária?

O fato de empreender essa experiência na cidade de Nova York realmente chamou minha atenção. Eu buscava uma mudança, queria largar tudo e sabia que queria me lançar no design, sem saber direito como ia funcionar, um pouco às cegas mesmo, mas estava claro para mim que queria fazer isso. Por sorte, tive todo o apoio para fazê-lo, e tive gostos e desgostos, claro.

Como foi sua primeira coleção?

Fantástica, muito glamurosa e feminina. Apesar disso, a imprensa especializada da época foi categórica e frisou que não duraria mais que um ano, que eu cansaria, que desistiria. Tive que provar para eles que estava falando sério. Vendi absolutamente tudo da primeira coleção. Acredito que na vida você tem que trabalhar pensando no que te faz bem. Meu trabalho tem contribuído muito mais para a beleza do que para a moda. Sempre tentei fazer com que as mulheres que usam Herrera ficassem lindas e se sentissem únicas.

É o poder de uma boa roupa.

Claro. Vestir-se bem e cheirar bem transforma você, lhe dá confiança, permite iniciar uma conversa mais facilmente e até melhora seu humor, porque não há dúvida de que parecer bem faz você se sentir



«Ajudar faz parte da educação que recebi e adoro fazê-lo. Acredito que quem dá sempre recebe muito mais em troca»



melhor, alegre o seu dia. Todos deveríamos poder andar bem arrumados todas as horas do dia, principalmente para o nosso bem-estar. Considero isso um símbolo de respeito pessoal.

Descreva para nós a NY que você conheceu quando jovem.

Conheci Nova York nos anos 70. A família do meu marido me apresentou a todos os amigos dele, entre eles, Andy Warhol, Estée Lauder e Jackie Kennedy. Foi ele quem me incentivou a me dedicar à moda. Sua mãe [a escritora Mimi Herrera] era uma das mais famosas damas da alta sociedade de Caracas e Manhattan, uma mulher muito bonita e elegante, amiga íntima da editora Diana Vreeland. Todos me ajudaram muito.

Você foi retratada por Andy Warhol, dançou com Bianca Jagger no Studio 54 e vestiu Jackie Kennedy.

Sim, foram anos muito divertidos, com pessoas muito distintas. Amo muito a Bianca. Nos divertimos muito em um réveillon, no Studio 54, quando ela ainda era casada com Mick Jagger. Fazíamos muitas festas. O dono desta disco era muito amigo de Reinaldo e sempre nos convidava. Era um lugar onde as pessoas mais inusitadas do mundo se encontravam, artistas, escritores, políticos e até mesmo representantes da realeza. Não há lugar igual hoje em dia. Quando Andy ia a uma discoteca, sempre trazia uma câmera com ele. Ele fazia as pessoas posarem e me pedia para olhar para seus rostos.

Era muito engraçado ver a reação de todos. Tenho um retrato que ele fez de mim e que guardo com muito carinho.

O que você mais gostou nas primeiras coleções? Como você conquistou o público americano?

Na época, o formato das mangas das camisas, das blusas bem largas, chamava muito a atenção. A mulher americana sempre foi muito elegante, sempre apreciou um trabalho bem feito. Hoje, a situação é muito diferente. A moda mundial está muito revolucionada. A cidade mudou muito nos últimos anos. Sinto falta da educação que existia antes e do entusiasmo que existia em se vestir bem e acho que parte da responsabilidade reside na ignorância que existe agora.



As pessoas não leem mais, talvez porque não encontram tempo para isso, e isso influencia. Todos vivem colados em seus telefones.

Você já experimentou a desigualdade entre homens e mulheres?

Tenho que admitir que o fato de ser mulher não me prejudicou. Não lembro de ter tido mais dificuldades ou menos oportunidades do que os meus outros colegas. Acredito que a mulher sempre foi um exemplo de força, de superação, e isso é algo que deve continuar sendo lembrado pelas novas gerações, porque a história está cheia de grandes mulheres que lutaram por seus projetos e suas ideias e conquistaram seus objetivos. Devemos continuar lutando pela igualdade de direitos e oportunidades, especialmente para as mulheres mais vulneráveis.

Estar no topo requer tenacidade?

Acho que não; o que sim é necessário para chegar longe com uma boa ideia e uma boa equipe é ser uma pessoa disciplinada e tratar bem as pessoas ao seu redor, como se fossem sua família, porque no final você divide o dia inteiro com eles. Se você é um bom líder, certamente terá uma boa equipe, e acredito que eu tenha sido uma boa líder, embora deva admitir que no começo foi um pouco angustiante, por falta de experiência, claro, e você tem que aprender rápido.

Você chegou a dizer que esta indústria é difícil. Do que você

teve que abrir mão para poder estar no topo?

É sem dúvida um negócio difícil e muito intenso, no qual existem muitas opiniões, que te expõe a muitas desilusões, que exige todos os seus dias e muita dedicação. Mas as dificuldades fazem parte da vida,

«Sempre quis que as mulheres que usam Herrera encontrassem seu próprio estilo e se sentissem únicas»

elas te fortalecem. Trabalhar é um desafio contínuo no qual você tem que ser o mais positivo possível e nunca perder o senso de humor.

Muitos estilistas descrevem o estilo Carolina Herrera como glamuroso, sofisticado e elegante. O que significa elegância hoje?

É uma palavra proibida que não é mais usada. Ser elegante não está na moda. Agora tudo tem que ser *cool* e para isso você tem que ser diferente, vanguardista. Isso vai de encontro ao conceito de elegância que defendo, que, claro, tem a ver não só com a roupa que você usa, lógico, mas também com a forma como você se comporta, como você se expressa e como se relaciona com as pessoas. A elegância é sem dúvida uma forma de ser e implica uma atitude, que penso estar se perdendo.

Aos 32 anos, você já figurava na lista das mulheres mais bem vestidas do mundo. Você ainda é fiel à regra de que menos é mais?

Completamente. Menos é sempre mais. A roupa deve te servir bem, é algo que sempre insisto, e que só você pode descobrir. A moda deve te ajudar a projetar quem você é. Acho que você deve evitar tendências se elas não forem fiéis ao seu estilo, se não refletirem sua personalidade e, acima de tudo, se não se ajustarem ao seu corpo. Recomendo ter sempre a ajuda de um espelho de corpo inteiro para se ver antes de sair. É ele que te diz o que te sobra e o que te falta.

Algo que evitar?

A verdade é que não gosto de dar conselhos. Alguns anos atrás, alguns meios de comunicação me atribuíram certas proibições, como a de que era obrigatório cortar o cabelo depois dos 40 e não usar jeans. Foi tudo uma invenção. Quem sou eu para dizer a alguém que tipo de corte de cabelo deve ou não usar porque tem mais de 50 anos? Eu mesma usava biquíni até pouco tempo e ainda uso jeans sem problemas. As redes sociais são muito perigosas e cheias de notícias falsas.

Em 2018, você anunciou sua aposentadoria e se tornou embaixadora global da marca, o que lhe permitiu focar em causas humanitárias. Por que você se preocupa em ajudar os mais vulneráveis?

Ajudar faz parte da educação que recebi em minha família e adoro fazer isso. Acredito que quem dá

«Trabalhar é um desafio contínuo no qual você tem que ser o mais positivo possível e nunca perder o senso de humor»

sempre recebe muito mais em troca. Sempre acreditei nisso e, além disso, muitas pessoas que se voluntariam e ajudam quem precisa, me transmitiram essas experiências pessoalmente. Ao longo de muitos anos, e sempre de forma muito discreta, tenho me dedicado a muitas causas, como o combate à desnutrição, o bem-estar das crianças, a prevenção do câncer da mama e o desenvolvimento da mulher, entre outras. Atualmente tenho a sorte e o orgulho de colaborar com entidades como ARED e Fundación Quiero Trabajo, que acompanham mulheres em situação de vulnerabilidade para que possam se integrar plenamente na sociedade, e com a Fundación ALADINA, que trabalha incansavelmente para que o câncer não tire o sorriso do rosto de nenhuma criança.

Em qual projeto você está mais focada agora?

Existe um projeto que adoro e no qual muitas pessoas colaboram, entre elas, Emilio e Gloria Stefan. É dirigido por dois médicos, um venezuelano e outro japonês, que criaram a Fundahígado há 15 anos com o objetivo de proporcionar um transplante de fígado a menores que dele necessitem e cujas famílias não possam arcar com o custo desse tipo de intervenção, que é muito complexa. 90% são bem-sucedidos, dando uma segunda chance a muitas pessoas de diferentes países.

Como você se sente por ter recebido o Prêmio Por Toda Uma Vida Profissional da Fundación MAPFRE?



Muito honrada, sinceramente, principalmente pelo fato de terem pensado em mim para este prêmio, que já foi outorgado a pessoas tão importantes como a Rainha Sofia. É uma fundação que desenvolve trabalhos em 30 países e em áreas tão diversas como

saúde, prevenção de acidentes e cultura. É admirável que existam entidades que contribuam para melhorar a vida das pessoas, sobretudo num momento em que há cada vez mais desigualdades e mais pobreza. Há muitas pessoas que precisam de ajuda. ✖



Ana Botella, presidenta da Fundación Integra

«Às vezes é difícil para nós entendermos que existem pessoas que nunca tiveram uma chance»

TEXTO: ÁNGEL MARTOS FOTOGRAFIA: ALBERTO CARRASCO

Existem pessoas sobre as quais pensamos que sabemos tudo até que outro lado delas surge. É o caso de Ana Botella, uma das mulheres mais conhecidas da Espanha e que encerrou sua carreira política como primeira prefeita de Madrid (2011-2015). Aos 69 anos, continua à frente da Fundación Integra, entidade que busca novas oportunidades de trabalho para pessoas com mais dificuldade de inserção

no mercado de trabalho: ex-presidiários, dependentes químicos reabilitados, moradores de rua, mulheres vítimas de violência de gênero, prostituídas e/ou traficadas, jovens em risco de exclusão ou em liberdade condicional, bem como pessoas com deficiência. «Uma coisa há que dizer», salienta, «aqueles de nós que tivemos oportunidades na vida, e eu certamente tive muitas, por vezes nos é difícil perceber que

há pessoas que nunca tiveram uma oportunidade, ou que podem tê-la desperdiçado; mas que quando lhes dão uma mão, pegam e aproveitam». A Fundación Integra deu milhares de mãos em seus 21 anos de existência, empregando mais de 19.500 pessoas, das quais 70% são mulheres. Uma tarefa que os Prêmios Sociais da Fundación MAPFRE reconheceram com o prêmio de Melhor Entidade por sua Trajetória Social.

Conte-nos sobre um caso que você se lembra especialmente.

O nome dele é Pedro e era de Villaverde, onde praticamente toda uma geração caiu no mundo das drogas, da heroína, numa época em que houve uma mudança naquela área, muitas fábricas fecharam, e ele fez como muitas outras pessoas que estavam desempregadas...

Caiu no mundo das drogas?

Sim... Ele também era filho de um drogado... Mas ele conseguiu entrar em contato conosco, conseguiu um emprego e saiu daquele mundo, e conseguiu que o pai também o fizesse.

Em 21 anos, a Fundación Integra conseguiu emprego para quase vinte mil pessoas.

Evoluímos bem, porque começamos com pouquíssimas pessoas, primeiro porque era uma coisa nova: eu chegava e pedia para um empresário dar oportunidade à duas pessoas recém-saídas da prisão, por exemplo, e, bom, a gente tinha que ver como elas se saíam.

Vocês também acompanham os casos.

E há muitos deles que reorganizaram completamente suas vidas. Quando essa pessoa, para dar um exemplo, é reabilitada das drogas, a única coisa que falta é a incorporação ao mundo do trabalho, porque não há medida social que seja, em última análise, mais importante que o emprego.

Destaca-se que 90% das avaliações das empresas são positivas no primeiro mês.

Existem muitas pessoas que, quando têm uma oportunidade, aproveitam. Se você não tiver um emprego, nunca conseguirá realizar seu projeto de vida, mesmo com um salário pequeno, e também tem a possibilidade de melhorar.

A primeira parada do roteiro é a Escola de Fortalecimento, onde se trabalha o desenvolvimento de competências pessoais e de trabalho.

Sim, lá nós os preparamos para se candidatar a um emprego, como fazer um currículo, o que mostrar sobre si mesmo...

Nesses casos, além disso, trabalhar seu nível de autoestima deve ser muito importante.

Na verdade, uma pessoa que vai pedir emprego, se não tiver autoestima, é muito difícil... E uma mulher agredida não tem autoestima, uma pessoa que já usou drogas não tem autoestima, a pessoa que está presa, não tem autoestima, um *sem-teto* não tem autoestima, por isso ajudá-los a recuperá-la é essencial.

Procurar uma oportunidade de trabalho é a força da sua organização.

Na Espanha o tecido associativo é muito importante. Por exemplo, um viciado em drogas é primeiro reabilitado com o Proyecto Hombre, para citar uma organização que todos conhecemos. Depois, a perna que falta é a incorporação ao mundo do trabalho.

Vocês funcionam como uma agência de colocação de pessoas excluídas.

Exato. Cada vez mais empresas também nos procuram para oferecer vagas, por exemplo, para 20 pessoas através da Fundación Integra, e nós fazemos a seleção.

Somam-se às suas dificuldades a discriminação com base na idade, sexo...

Trabalhamos mais com pessoas com mais de 50 anos, porque são elas que vêm até nós. E temos uma percentagem maior de mulheres devido às vítimas de abuso... Para dar outro exemplo, entre os *sem-teto* há mais homens, porque é mais difícil para as mulheres romperem todos os laços.

E a exclusão digital?

É outra formação que vamos começar a desenvolver, porque se juntar à exclusão que já têm, a digital é fatal.

Vocês já têm um destino para os trinta mil euros do prêmio da Fundación MAPFRE?

Todos os fundos que recebemos são usados para o propósito fundamental. Para nós é uma quantia importante de dinheiro e, sem dúvida, nos permitirá crescer.

Como estão Pedro e seu pai?

Ele está trabalhando e continua colaborando conosco. Todos nós somos movidos por emoções, quando vamos a uma empresa para explicar o projeto da Fundación Integra, temos várias pessoas, como o Pedro, que vêm explicar o seu caso. Porque no fundo falar de números é sempre muito frio. ❌



Paula Gil, presidente do Médicos Sem Fronteiras Espanha

«Nunca na história tantos milhões de pessoas dependeram de ajuda humanitária para sobreviver»

TEXTO: ÁNGEL MARTOS FOTOGRAFIA: ALBERTO CARRASCO

«Procuramos sempre chegar à população mais vulnerável e procuramos as áreas onde poucas pessoas estão empregadas», explica Paula Gil, presidente de Médicos Sem Fronteiras Espanha e enfermeira sobre a atividade da organização. Seu propósito é claro: trabalhar principalmente

em áreas de conflito armado ou prestar assistência a vítimas de outras formas de violência. «Somos médicos, enfermeiros, e o que oferecemos é atendimento médico humanitário», afirma. Atualmente, a guerra mais próxima e desestabilizadora para todos nós é a da Ucrânia. Ali, a

entidade espanhola teve a melhor ideia para transferir os feridos e outras pessoas vulneráveis que estavam na linha de frente para o oeste do país: um trem hospital que já conseguiu socorrer mais de 1.800 vítimas. Uma ideia tornada realidade que ganhou o prêmio ao Melhor Projeto ou Iniciativa por

seu Impacto Social da Fundación MAPFRE.

O que você sente quando, como nesta guerra na Ucrânia, vê que um hospital pode ser bombardeado?

É muito doloroso. Infelizmente, é algo que acontece de forma recorrente. Presenciamos um atentado em Mykolaiv há alguns meses, nossa equipe estava lá.

Com base na sua experiência em conflitos armados, é normal transgredir esses limites humanitários?

As regras da guerra têm que ser respeitadas, é assim. E é um mandato para todos os grupos armados envolvidos proteger a população civil. Mas é algo que não está acontecendo nesta guerra, assim como não está acontecendo em muitas outras. E é especialmente doloroso por causa do impacto que tem nas pessoas.

Bombardear um hospital também envia uma mensagem: não há porto seguro

Neste momento, não se pode dizer que existam zonas seguras na Ucrânia, tenho as minhas dúvidas, e vemos isso no tipo de pacientes que transportamos: pessoas muito idosas e crianças pequenas que sofreram lesões, amputações, que interromperam os seus tratamentos, que não foram embora na hora que poderiam ter ido por mil motivos diferentes.

Existem relatórios de organizações internacionais (anteriores à pandemia) que falam de uma tendência de

queda nos conflitos armados. Você é otimista neste ponto?

Temos uma leitura um pouco diferente. Para começar, há um dado contundente. Hoje, no mundo, existem 100 milhões de pessoas que se viram obrigadas a deixar suas casas para se proteger de conflitos e situações nas quais não poderiam viver. Esse número nunca foi alcançado na história. No ano passado, foram 84 milhões. Vamos ver o que está por vir.

São números muito contundentes...

Dá uma ideia do que está acontecendo. Nunca na história tantos milhões de pessoas dependeram de ajuda humanitária para sobreviver.

O que podemos fazer como cidadãos nesta situação?

A sociedade espanhola, digo-o com muito orgulho, é muito generosa. Temos quase 500 mil membros e parceiros na Espanha. Isso é maravilhoso, te dá legitimidade, são pessoas empenhadas que querem canalizar essa solidariedade através da nossa organização.

Vocês recebem alguma ajuda pública?

Nosso financiamento é totalmente privado. Quase não temos dinheiro público. Atualmente, quase 97% são de fundos privados, doações ou reconhecimentos como o que recebemos hoje da Fundación MAPFRE.

Como surgiu o projeto do trem hospital?

Havia a necessidade de descongestionar os hospitais do leste e sul do país, que obviamente recebem um fluxo muito maior de pacientes do que os do oeste, que estão em melhores condições. Foi assim que surgiu a ideia de transferir pacientes usando um trem suburbano.

É a primeira vez que vocês fazem algo assim?

Sim, infelizmente, em muitos lugares onde trabalhamos, a rede ferroviária não existe ou está muito danificada. Este não é o caso da Ucrânia. No começo, usávamos o trem para transportar suprimentos médicos, então surgiu a ideia de levar pessoas também.

Em que estado estão os pacientes transferidos?

São dois trens: um em que transportamos pessoas com um estado de saúde mais estável, que não requerem tratamento contínuo, que podem receber alta durante a viagem, que podem ir sentados, por exemplo. E no outro transportamos pacientes que precisam de internação.

Quantos espanhóis estão trabalhando lá agora?

Nossa equipe não é apenas espanhola; na verdade, temos 170 nacionalidades diferentes, que fazem parte da força de trabalho global do MSF, estamos falando de 7.000 pessoas no total. Na Ucrânia, há cerca de 120 funcionários internacionais, incluindo alguns espanhóis, mas o número é muito flutuante, e cerca de 500 homens e mulheres ucranianos. ✖



Carlos Moro, fundador e presidente da Bodega Matarromera

**«Trabalhar a cultura do vinho
na Espanha é importante para
estruturar a terra, a economia
e as pessoas»**

TEXTO: ÁNGEL MARTOS FOTOGRAFIA: ALBERTO CARRASCO

«Sempre nos recusamos a pensar que não há saída para as situações complexas com as quais a vida nos confronta», defendeu Carlos Moro, fundador e presidente da Bodega Matarromera, em seu discurso de recebimento do prêmio à Melhor Iniciativa no Setor Agropecuário. Um prêmio bienal que reconhece

o compromisso com a terra, a inovação e a sustentabilidade desta empresa presente em seis Denominações de Origem (Rueda, Ribera del Duero, Cigales, Toro, Rioja e Ribeiro) nos seus mais de 30 anos de experiência. Hoje, uma dessas situações complexas é a mudança climática, contra a qual

a vinícola luta com sua aposta nos vinhos orgânicos e na redução da pegada de carbono de seus produtos, que tornaram seus vinhos uma referência no cenário vitivinícola nacional e internacional. Carlos Moro é engenheiro agrônomo e servidor público do corpo superior de administradores civis do Estado.

«O nosso trabalho é muito importante pela possibilidade que a cultura do vinho tem na Espanha como eixo que sustenta a terra, a economia e as pessoas»

É também uma daquelas pessoas que desperta vocações: depois de conhecê-lo, não se pode deixar de pensar que fazer vinho deve ser um trabalho apaixonante.

Você parece uma pessoa que realizou muitos sonhos.

Ainda tenho muitos. Para mim, criar valor no campo, naquelas 35 cidades, continua a ser um sonho que nunca deixa de se concretizar. Dar emprego de qualidade, poder fixar e manter esta população nas cidades, ajudar grupos desfavorecidos através da Fundación Carlos Moro de Matarromera... O nosso trabalho é muito importante devido à possibilidade que a cultura do vinho tem na Espanha como eixo que sustenta a terra, a economia e as pessoas.

E com a proteção do meio ambiente como bandeira

Na promoção de toda a questão da sustentabilidade, do meio ambiente, certamente somos uma referência. Muitas outras empresas têm observado o que fazemos e até viram como algo positivo para melhorar sua competitividade.

Sempre foi assim?

A Matarromera foi concebida com um investimento mais limitado no início, mas muito sustentável. Na verdade, fiz como uma vinícola antiga, enterrada no solo para proteger da temperatura. Tudo que eu pensava era em fazer o melhor vinho, porque dele vivemos, e de fato conseguimos.

Com sua primeira safra, de 1994, o Matarromera Crianza

conquistou o título de Melhor Vinho do Mundo no concurso da Organização Internacional do Vinho da Espanha.

Sim, e assim que pude criei o departamento de pesquisas, começamos a avançar, a fazer projetos europeus de forma sustentável.

Neste sentido, Emina (Ribera del Duero) é a sua referência mais forte?

É o nosso paradigma, que tem sido o centro de tudo... Um projeto integral de desenvolvimento sustentável que aplica todas estas questões, começando sempre por fazer o melhor vinho, porque se as pessoas não quiserem bebê-lo, então você não vai vender.

Sustentabilidade também é voltar à tradição?

Com certeza, porque, por exemplo, uma das nossas tarefas mais importantes é a manutenção e recuperação de todos os vinhedos antigos e não antigos. E temos levado isso para a produção de alguns vinhos especiais, mais caseiros, que apadrinho com a minha marca CM.

Como as mudanças climáticas estão afetando seus campos?

Em 2011 participamos de um estudo europeu em que demonstramos que, de fato, havia alterações climáticas, com evolução dos níveis de seca, das necessidades de água; o tempo da colheita, antecipada...

Como isso influencia os vinhos que produz?

Acaba afetando os aromas, a forma como são produzidos, tem a ver com o ponto de maturação, com a altura da colheita... Estudar o fenômeno tem nos ajudado a antecipar problemas.

E com este último verão de temperaturas historicamente altas, como foi a safra?

Foi a colheita de menor rendimento que tive nos últimos trinta anos.

Imaginamos que será um problema generalizado...

Sim, como se diz no campo, quando chove, chove para todos... Depois vem a capacidade, a determinação de cada vinícola de procurar outro tipo de vindima, de aplicar técnicas enológicas para tirar o máximo proveito, de complementar adequadamente, *mesclar*, etc.

Qual será sua próxima inovação?

Temos a invenção disruptiva dos vinhos sem álcool Win, em que fomos pioneiros, e acrescentamos valor à sociedade, à alimentação saudável... Não que o vinho não seja, mas também é compatível com outros tipos de circunstâncias, situações, doenças, religiões... E essa é uma tarefa que tem sido feita desde a Espanha.

Você, que já está acostumado com prêmios, como recebeu o da Fundación MAPFRE?

O fato de termos ganhado me pareceu uma enorme sorte. Acho que foi pelo mérito da nossa equipe, da nossa gente, da nossa família, e justamente por isso estamos entusiasmados e encantados. ✘



Leonora Carrington
Sanctuary of Furies
[Santuário das Fúrias], 1974
Óleo sobre tela
69 x 99 cm
Coleção particular.
Cortesia ARTVIA

© Estate of Leonora Carrington/
VEGAP, Madrid, 2023
Photo © David Stjernholm/
@david_stjernholm

Leonora Carrington. Revelação

TEXTO:ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE

Chega a Madrid, na Sala Recoletos da Fundación MAPFRE, a primeira exposição antológica dedicada à artista Leonora Carrington realizada na Espanha. Uma autora versátil e eclética, em busca contínua de novas formas de expressão, Carrington é uma figura-chave na formação de um panorama mais completo da arte do século XX. A exposição, organizada pela Fundación MAPFRE em colaboração com o ARKEN Museum for Modern Art de Dinamarca, poderá ser visitada de 11 de fevereiro a 7 de maio de 2023.

A exposição se desenvolve ao longo de 10 seções que combinam o relato cronológico com o estudo dos temas mais marcantes da obra de Leonora Carrington. Desde a sua formação e primeiras influências na Inglaterra e em Florença até o contato com os surrealistas em Paris, passando por sua época em Saint-Martin-d'Ardèche, por sua experiência traumática na Espanha, a emigração para Nova York e o México como nova pátria.

1. A debutante

Em 1932, a jovem Leonora fica impressionada com a pintura italiana que contempla durante sua estada em um internato em Florença, entre as quais incluíam Paolo Uccello e Antonio Pisanello. Uma influência que não será palpável em suas primeiras obras, mas sim nas posteriores. Sua produção mais notável desse período é um conjunto de aquarelas agrupadas sob o título genérico *Sisters of the Moon* [Irmãs da Lua] (1932-1933), que refletem a preocupação da artista com o lugar que as mulheres ocupam no mundo. Em cada uma delas está representada uma personagem feminina e em algumas há uma alusão direta a divindades como Íris, Fortuna ou Diana.

Desde muito cedo, sua produção pictórica corre paralela à escrita, a ponto de ser difícil discernir o

que fez primeiro, o texto ou a obra, como em *Hyena in Hyde Park* [Hiena no Hyde Park] (1935), uma de suas primeiras telas e que tem como correlato o conto que escreveu nesse mesmo ano com o título «A debutante», no qual satiriza a sua própria estreia na sociedade perante a corte do rei Jorge V.

2. O encontro: Saint-Martin-d'Ardèche

Em 1936 Leonora se estabelece em Londres e frequenta aulas na academia de arte do pintor cubista Amédée Ozenfant. No verão, visita a exposição *The International Surrealist Exhibition* e se apaixona por uma obra de Max Ernst, reproduzida no livro *Surrealism*. Como se fosse algo premonitório, conhece o artista no ano seguinte em um jantar e juntos fogem primeiro para Cornualha e depois para Paris, para finalmente chegarem à cidade de Saint-Martin-d'Ardèche, no sul da França. Graças à ajuda financeira de sua mãe, Leonora compra uma casa antiga onde o casal realiza sua própria obra de arte, tanto por dentro quanto por fora. Eles pintam portas, janelas e paredes com figuras híbridas e criaturas protetoras — como a quimera que originalmente decorava a porta de acesso à antiga cozinha, mas também nas fotografias que Lee Miller tirou durante aqueles anos em uma de suas visitas.



Leonora Carrington
Down Below [Abaixo], 1940
 Óleo sobre tela
 40 x 59,7 cm
 Coleção particular Mia Kim
 © Estate of Leonora Carrington / VEGAP, Madrid, 2023



Leonora Carrington
Garden Bedroom [Quarto Jardim], 1941
 Óleo sobre tela
 46 x 61 cm
 Coleção Ugarit Panamá
 © Estate of Leonora Carrington / VEGAP, Madrid, 2023

Leonora Carrington (pintura)
e José Horna (madeira entalhada)
O berço [The Cradle], ca. 1949
Madeira entalhada e pintada, cordas e tecido
100 x 130 x 66 cm
Coleção particular

© Estate of Leonora Carrington / VEGAP, Madrid, 2023
© 2005 Ana María Norah Horna Fernández

3. Memórias de baixo: Santander

A Segunda Guerra Mundial interrompeu a vida de Max Ernst e Carrington em Saint-Martin-d'Ardèche. Após a segunda prisão de Max, Carrington foge para a Espanha com a intenção de cruzar para o outro lado do Atlântico a partir de Lisboa. Ao chegar em Madrid, em 1940, é estuprada por um grupo de militares filiados à facção nacionalista. Este fato, que na época não contou a ninguém, e os dramáticos acontecimentos vividos desde o início da guerra precipitaram um episódio psicótico na autora que levou à sua internação em um hospital psiquiátrico em Santander. Tratada com uma droga poderosa que podia gerar crises epiléticas e anular a vontade da paciente, a experiência dessa internação marca uma virada em sua vida e em sua obra. O relato de sua passagem pelo sanatório é publicado pela primeira vez em 1944 em uma revista sob o título «Down Below» [Abaixo] depois de ter sido ditada em francês no ano anterior pela própria Leonora à Jeanne Megnen, para se livrar da angústia que lhe causava esta memória. Durante o internamento também realizou inúmeros desenhos e a pintura *Down Below* (1940), uma espécie de elaboração da sua doença.



4. Rumo ao desconhecido: Nova York

Em julho de 1941, Leonora Carrington, então com 24 anos, desembarca em Nova York — após um rápido casamento de conveniência para poder sair de Lisboa — acompanhada de seu novo marido, o escritor, poeta e diplomata Renato Leduc. Lá conhecem a comunidade de artistas surrealistas que, como eles, fugiram de uma Europa e uma Espanha em guerra. Neste período, antes de se instalar no México, a obra de Carrington, com uma iconografia cada vez mais complexa, aborda o luto pela sua experiência da guerra, da doença mental e do confinamento, que agora se junta

ao exílio. No desenho *Brothers and Sisters Have I None* [Não tenho irmãos nem irmãs] (1942) podemos entender que a condição do exílio é dupla: no que diz respeito a uma Europa destruída e de uma família que a renega. *Green Tea* [Chá Verde] (1942) resume essas experiências. Sem dúvida, a figura envolta em pele de cavalo como se fosse uma crisálida é a própria Leonora, com um fundo que remete à paisagem inglesa, à paisagem toscana da pintura italiana e ao parque do sanatório de Santander. A imobilidade da protagonista contrasta com o movimento dos dois cachorros-cavalos amarrados um ao outro em árvores que lhes servem de rabo.



5. Memória e origem: Crookhey Hall

Em 1943, Leonora se muda para a Cidade do México, onde se cerca de um círculo de exilados que, como ela, tinham suas raízes na Europa: Kati e José Horna, Remedios Varo e Benjamin Péret. Na casa dos dois últimos conhece quem vem a ser seu futuro marido, o fotógrafo Emerico (Imre) Weisz, «Chiki», e pai de seus dois filhos, Gabriel e Pablo. A experiência da

maternidade inicia um período de regressão na obra de Carrington. Representa sua casa de infância, a mansão neogótica de Crookhey Hall, bem como visões familiares e infantis carregadas de melancolia, embora mais calmas do que as que havia produzido em Nova York. É o caso do berço que realiza em conjunto com o escultor e marceneiro andaluz José Horna para Norah, filha deste, decorado com animais que acompanharão

Leonora Carrington
Green Tea [Chá verde], 1942
 Óleo sobre tela
 61 × 76,2 cm
 (145.2019)
 The Museum of Modern Art, Nova York. Presente de
 Drue Heinz Trust (por intercâmbio), 2019
 © Estate of Leonora Carrington / VEGAP, Madrid, 2023

a menina desde o seu nascimento: uma tartaruga gigante, uma cabra, onças, lhamas, cavalos e outras criaturas misturadas que parecem retiradas das obras de Lewis Carroll e da pintura renascentista italiana.

6. Saberes arcanos: alquimia, magia e mito

Juntamente com os animais, a ecologia e a mulher, as artes divinatórias e as correntes esotéricas são temas que interessam a Carrington por as

considerar uma via alternativa de acesso ao inconsciente e aos enigmas do ser humano e da natureza. Com a pintora Remedios Varo e a fotógrafa húngara Kati Horna, mergulha no mundo da magia, uma vez que as três a

entendem como uma ferramenta para recuperar os poderes femininos «proibidos». Os livros de magia, alquimia, astrologia e tarot ocupam um lugar privilegiado em sua biblioteca, além de lhe proporcionarem uma iconografia



Leonora Carrington
The Giantess (The Guardian of the Egg) [A Gigante (A guardiã do ovo)], 1947
 Têmpera e óleo sobre madeira
 119,6 x 69,5 cm
 Coleção particular
 © Estate of Leonora Carrington / VEGAP, Madrid, 2023



Leonora Carrington
Mulheres consciência, 1972
 Gouache sobre cartulina
 75 x 49 cm
 Coleção particular
 © Estate of Leonora Carrington / VEGAP, Madrid, 2023

que utiliza repetidamente em sua obra, como na tela *Molly Malone's Chariot* [Carro de Molly Malone] (1975), onde os arcanos O Carro e O Mundo recriam a lenda da jovem Molly, protagonista da popular canção irlandesa «Cockles and Mussels» [Berbigões e mexilhões], num quadro que hoje é apresentado ao público pela primeira vez.

7. A deusa branca

Em 1948 Carrington faz *Le Bon Roi Dagobert (Elk Horn)* [O Bom Rei Dagobert (Cernuno)], a primeira pintura onde representa a si mesma como a Deusa Branca, que sem dúvida remete ao ensaio homônimo de Robert Graves. Publicado no mesmo ano em que a tela da artista é datada, este ensaio é, segundo ela, uma das revelações

mais importantes de sua vida. Na narração, Graves se concentra na recuperação de diferentes cultos em torno de divindades femininas que desapareceram ao longo da história, mas que sobreviveram em fábulas e poemas orais. Esta Deusa Branca, cujo culto foi destruído pelo patriarcado e é recuperado por Graves, é um símbolo da força e do poder feminino. A tese de Graves baseia-se na descoberta do culto à uma mesma divindade feminina em várias partes do Mediterrâneo, que por sua vez correspondia aos cultos dos deuses celtas. Em todas elas venera-se a Deusa Tríplice, também conhecida como a «Deusa Branca» e nomeada em cada lugar de uma forma diferente. Ártemis ou Atena na Grécia, Ishtar na Babilônia, Ísis para os egípcios ou Astarte para os

semitas, é sempre a mesma deusa e simboliza a luta do patriarcado contra o matriarcado, assim como a luz e a sombra, ou seja, a dicotomia entre o bem e o mal.

8. Consciência feminina

A partir da década de 1960, Leonora Carrington torna-se cada vez mais interessada pelos movimentos feministas. Apesar de nunca ter sido militante, sua casa no México tornou-se ponto de encontro de um pequeno círculo de mulheres preocupadas com sua situação de desigualdade e falta de direitos. A pintura *Women's Awareness* [Consciência Feminina] (1972) é utilizada na impressão do cartaz homônimo como sinal de «indignação e revolta com a situação das mulheres», como declarou a própria autora em uma entrevista.



Leonora Carrington
Transference [Transferência], 1963
 Óleo sobre aglomerado.
 57 x 103 cm
 (L04019)
 Tate oferecido pela Tate Americas
 Foundation, adquirido com ajuda
 do Latin American Acquisitions
 Committee 2017, incorporado em 2021.
 © Estate of Leonora Carrington / VEGAP,
 Madrid, 2023
 Photo ©Tate

Leonora Carrington
Are you Really Syrious
 [Está falando em
 sírio?], 1953
 Óleo sobre tela
 53 x 91,2 cm
 Coleção particular
 © Estate of Leonora Carrington
 / VEGAP, Madrid, 2023



Neste *guache*, Carrington subverte o mito de Adão e Eva e dá a esta o caráter de deusa. O desejo da artista de transmitir às mulheres a mensagem de retomada de seus poderes é uma constante em toda a sua produção literária e artística.

9. Existem outros mundos: México

Ao chegar no México, o interesse de Carrington pela magia é renovado graças a um povo para o qual as práticas e rituais de bruxaria fazem parte da vida cotidiana. Com apenas vinte e cinco anos, parecia um lugar onde tudo é novo; os rituais em torno da morte, bem como as crenças em animais guardiões e entidades protetoras encontram ressonância com os mitos e tradições celtas que absorveu em sua infância.

Muitos de seus amigos, exilados como ela, têm em comum

o fascínio pela arqueologia e etnografia mexicanas: o pintor austríaco Wolfgang Paalen, que coleciona objetos pré-colombianos; Alice Rahon, que capta a paisagem e as tradições populares em seus poemas e pinturas; e Benjamin Péret, que traduz para o francês os códices maias do *Chilám Balám* (*de Chumayel*) e compila seu *Anthologie des mythes, légendes et contes populaires d'Amérique*.

10. Ser humano, ser animal

Os animais reais ou mitológicos são um dos motivos mais recorrentes na obra de Carrington. Criaturas mitológicas, híbridas e fantásticas nas quais a própria artista se transforma e sob as quais se autorretrata, a ponto de se definir como um «animal humano fêmea». Mais tarde, enfatiza: «Existem algumas faculdades que não

aceitamos ou reconhecemos porque temos medo de que alguém pense que também somos animais, o que de fato somos». Esse amor pelos animais, que começou na infância, transformou-se ao longo do tempo em uma visão ecológica muito avançada para a época, pois a autora frequentemente expressa sua indignação com a atitude predatória da espécie humana e seus maus tratos ao ecossistema. Sua consciência ecológica, por sua vez, está intimamente ligada à visão feminista, já que para Carrington é somente através da recuperação do poder pelo matriarcado que o planeta pode ser salvo da destruição a que está sendo submetido. Esse sentimento também a fez se sentir atraída por outras religiões e culturas, como a budista, uma filosofia que promove a empatia e a compaixão por qualquer forma de vida. ✕



Facundo de Zuviría. Estampas porteñas

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DE FUNDACIÓN MAPFRE

Facundo de Zuviría é um dos fotógrafos mais importantes da Argentina, um país onde a disciplina fotográfica ainda não era posicionada ao nível das artes plásticas no início dos anos 1980, quando iniciou sua carreira. A exposição *Facundo de Zuviría. Estampas porteñas* é a primeira retrospectiva do artista argentino apresentada na Espanha e poderá ser vista na Sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madrid de 11 de fevereiro a 7 de maio de 2023.

O projeto, que se concentra em imagens de Buenos Aires, reflete a «obsessão» do artista, como ele mesmo reiterou em diversas ocasiões, por sua cidade natal. Assim, nos oferece um olhar sobre a capital argentina dos últimos quarenta anos. O autor retratou incansavelmente as vitrines e fachadas de suas ruas, com predileção pela comunicação urbana um tanto obsoleta. Daí, sem dúvida, «a nostalgia, o presente que já se escreve num tempo passado, a ‘melancolia de um anacronismo’ que se percebe em sua obra», como aponta Alexis Fabry, curador da exposição, citando Alan Pauls em seu *Fator Borges*.

A exposição, que cobre quarenta anos da carreira do artista, de 1982 a 2022, se concentra em torno de 195 fotografias em preto e branco e coloridas e oferece um percurso linear, um todo contínuo pela obra de Zuviría interrompido apenas pela série «Siesta argentina», a mais conhecida e política, e «Frontalismo», grande exemplo de sua inclinação para a composição e a simetria.

Aos seis anos, em 1960, Facundo de Zuviría ganhou de presente de aniversário uma rudimentar câmera Eho, uma simples caixa preta com uma objetiva

minúscula de 1 x 1,5 cm, através da qual começou a «olhar o mundo e fazê-lo caber em um retângulo», nas palavras do próprio artista. Foi seu primeiro contato com a fotografia. Após terminar os estudos em Direito em 1980, Zuviría decidiu dedicar-se exclusivamente à fotografia. Trabalhou na revista do jornal *La Nación* (1977-1979) e colaborou no suplemento do jornal *La Prensa* (1980-1982), bem como em meios de comunicação de outros países. Entre 1983 e 1989, trabalhou no Programa Cultural en Barrios de la Secretaría de Cultura de la Ciudad de Buenos Aires, fotografando a cidade e organizando oficinas de fotografia. Em 1988, junto com outros colegas, organizou Jornadas de Fotografía Buenos Aires-La Plata, o primeiro festival fotográfico realizado na Argentina. Nesse mesmo ano, junto com Eduardo Grossman, foi curador da exposição antológica *Maestros de la fotografía argentina 1860-1960*, realizada nas Salas Nacionales de Exposición do Palais de Glace de Buenos Aires.

Fotografar Buenos Aires é para Facundo de Zuviría uma forma de fotografar o mundo. Sem dúvida, «Estampas porteñas» é mais do que uma série ou o título do livro que publicou em 1996, é a essência de toda a sua carreira, um trabalho que continua desenvolvendo até hoje. O seu amor pela cidade veio, em primeiro lugar, de sua mãe, que, ao trabalhar no



Facundo de Zuviría
Evita, San Telmo, setembro de 1982
 Coleção privada, Paris
 © Facundo de Zuviría

setor do turismo, organizava passeios e visitas nas quais o filho a acompanhava. Em 1983, uma das primeiras intenções do artista foi fazer um arquivo de imagens de Buenos Aires, como resultado de seu trabalho no Programa Cultural en Barrios, dependente da Secretaria da Cultura; este projeto não chegou a se materializar, mas a partir desse momento nunca mais deixou de capturar as suas ruas, as fachadas das casas, os pátios interiores, as vitrines e os letreiros já um pouco obsoletos.

Para Facundo de Zuviría, a essência de Buenos Aires não reside no centro, mas nos bairros, que no início dos anos 1980, ainda periféricos, lhe pareciam menos impessoais. Como ele mesmo declarou em entrevista publicada no jornal *Clarín* em 2015, duas coisas chamam sua atenção nos bairros da cidade: «As casas baixas, esse pampa edificado que tem Buenos Aires, que é uma planície com muito céu. As fachadas comerciais de 8,66 m de altura, duas janelas laterais e uma porta central que formam um tríptico, e dentro dessa estrutura, todas as variedades possíveis».

Ele também fotografou cartazes sobrepostos uns sobre os outros, dilacerados, que pertencem a uma época passada ou prestes a expirar, que oferecem, em seu conjunto, a nostalgia de uma cidade passada em processo de transformação, lugares que jamais voltarão a ser

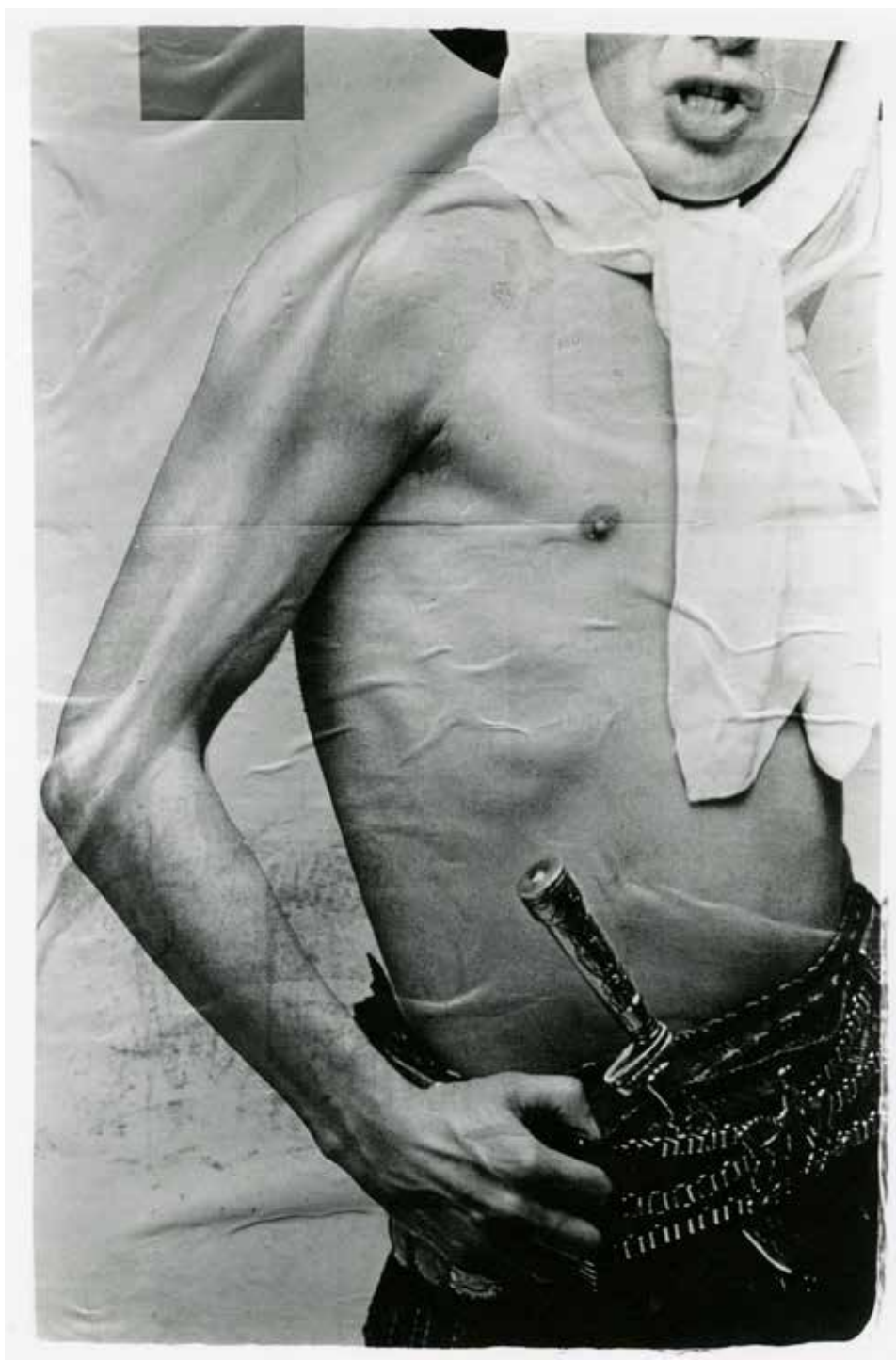


Facundo de Zuviría
Elvira, San Telmo, 1984
 Coleção do artista, cortesia de Toluca Fine Art
 © Facundo de Zuviría

os mesmos. Desta forma, ao longo de sua carreira, foi construindo uma imagem paralela à de sua cidade, a sua própria, que, até hoje, não abandonou. Como ele mesmo ressaltou, sua forma de trabalhar é «coleccionando lugares ou cenas, as incorporando em uma espécie de acervo pessoal, que vão sendo organizadas em séries fotográficas que perduram no tempo e que por vezes se transformam em novos temas». Cada fotografia de Zuviría é a personificação de uma memória que teve em algum lugar de sua cidade. Por ser um artista muito prolífico, isso fez com que muitas vezes não hierarquizasse sua obra, e foi sua esposa, Paula Serrat, junto com vários especialistas, como o curador desta exposição, Alexis Fabry, que o ajudaram a distinguir a memória da obra de arte.

O olhar do autor alimenta-se também de artistas plásticos, entre os quais se destacam os da pop art norte-americana e inglesa, as pinturas de Edward Hopper e artistas plásticos argentinos como Rómulo Macció. Um dos aspectos mais importantes da obra de Zuviría é a influência da pop art, inclusive quando ele mesmo não tem consciência disso. O artista enobrece os elementos da sociedade de consumo, como cartazes, outdoors ou letreiros de bares e restaurantes, que fazem sua obra «cheirar» a Buenos Aires.

Mas também se alimenta da literatura, a de Ricardo Piglia e sobretudo a de seu escritor favorito, Jorge Luis Borges. Dele emula seu deambular como pedestre, sua «apropriação» da cidade, do que o



Facundo de Zuviría
Gaucho pop, cartaz em Monserrat, 1985
Coleção Charlotte e Marc Perelman
© Facundo de Zuviría



Facundo de Zuviría
Tabaré, Bartolomé Mitre al 1500, Buenos Aires, 1985
 Coleção privada, Paris
 © Facundo de Zuviría

escritor chamou de «as modestas diferenças de Buenos Aires». Nos seus primórdios, entusiasmou-se pelo artista russo Alexander Rodchenko, sobretudo por sua faceta de fotógrafo, admirando a sua complexidade a nível formal: as sombras, as vistas de ângulo baixo, os reflexos e os planos sobrepostos, que inspiraram, entre outras, sua obra *El ciudadano, Alem y Viamonte*, 1988. Mas se há alguém

que influencia Zuviría é Walker Evans.

A obra do fotógrafo americano entrou em sua vida quando ele já havia iniciado suas séries sobre Buenos Aires, mas Evans lhe deu a ideia de ir fotografando sua própria cidade e fomentou seu amor pelo vernáculo, além de lhe dar a oportunidade de deixar que as imagens falem por si só, sem forçar muito os ângulos ou a composição dos planos.

Ao longo do percurso, a exposição procura mostrar os dois polos em que Zuviría se move ao

longo de sua carreira. Por um lado, a austeridade, o afastamento que suas imagens expressam; por outro, a agilidade, o mais próximo e até luminoso, que é reforçado em duas das séries em que a exposição se detém:

«Siesta Argentina»

As imagens que Zuviría produziu entre 2001 e 2003, algumas delas publicadas no livro *Siesta argentina* (2003), são um testemunho eloquente dos efeitos da crise conhecida como corralito. Em 3 de dezembro de 2001, foi decretada



Facundo de Zuviría
 9 de julho, 1986
 Coleção privada, Paris
 © Facundo de Zuviría



Facundo de Zuviría
 Confeitaria, San Telmo, 1986
 Coleção Leticia e Stanislas Poniatowski
 © Facundo de Zuviría

uma medida governamental na Argentina, o corralito, que, entre outras coisas, proibia os cidadãos de sacar dinheiro de contas correntes, cadernetas de poupança e aplicações financeiras. Este evento causou uma profunda crise social. Afetou toda a sociedade argentina e fez com que a maioria dos negócios fechasse e os habitantes perdessem grande parte

de seu poder aquisitivo. A restrição da liquidez monetária culminou no sufocamento da economia e na paralisação do comércio e do crédito. O choque que uma medida tão drástica produziu na sociedade, cujo efeito durou vários anos, pode ser incluído na crise política iniciada após a renúncia do então presidente Fernando de la Rúa, em 21 de dezembro. Seu sucessor,

Adolfo Rodríguez Saá, ficou no poder por uma única semana (de 23 a 30 de dezembro) e foi substituído por Eduardo Duhalde, que assumiu a presidência da República em 2 de janeiro de 2002.

Lugares vazios, lojas fechadas, vitrines em desuso e lavanderias misteriosas onde não se veem sinais de atividade, o preto e branco utilizado pelo artista



Facundo de Zuviría
Cabeleireiro em Congreso, 1992
 Coleção Leticia e Stanislas Poniatowski
 © Facundo de Zuviría

reforça a sensação de estar captando uma cidade que está se esvaindo. Conhecida por ser sua série mais política, esta é, mais uma vez, fruto de suas «errâncias». O inventário que faz desses lugares fechados ou semiabertos oferece um olhar radical na hora de capturar essas imagens, que podem remeter à lógica de arquivo que Bernd e Hilla Becher abordaram da arquitetura alemã dos anos 1960. Tanto um quanto o outro propõe a nitidez da imagem frontal e a ausência de pessoas, mas Zuviría lembra, com o título de sua série e seu frequente otimismo, que se trata de uma siesta, ou seja, de uma soneca, da qual ele indiscutivelmente acorda, de modo que talvez a crise seja apenas um pesadelo que permanecerá no passado. Sobre a série, o crítico de arte Lucas Fragasso destacou: «A siesta é aquele momento suspenso, aquele breve fragmento de tempo situado entre o sono profundo e a vigília. Quase um estado artificial que ganha dimensão dramática nas imagens de Facundo de Zuviría. Elas nos falam sobre aquela época em que parte da cidade parece estar submersa em um descanso obrigatório. Durante a siesta, os sentidos externos são desligados e o sono protege quem dorme das incitações externas [...]. Ao despertar, o passado recente, do qual não nos afastamos o suficiente, de repente nos atinge. No exato momento em que esfregamos os olhos, nos atinge com toda a sua força. Talvez as

Facundo de Zuviría
Evelina, da série *Siesta argentina*, 2003
 Coleção Astrid Ullens de Schooten, Bruselas
 © Facundo de Zuviría

fotografias da “Siesta argentina” também nos permitam vislumbrar o momento em que os olhos se abrem, quando a siesta termina e algo que nos afeta começa a tomar forma».

«Frontalismo»

«Sempre fotografei as fachadas de frente, buscando naquelas linhas simples e austeras os traços definidores de sua essência, uma espécie de *identidade argentina manifestada* nas fachadas urbanas. Com esta ideia [de «Frontalismo»] decidi fazer uma espécie de catálogo pessoal de fachadas urbanas, vi casas de classe média nos bairros, lojas modestas e algumas outras cujo significado me parece difícil de definir».

Com estas linhas, Facundo de Zuviría apresentou a sua série «Frontalisms», iniciada em 2010, retomando uma intenção tipológica que tinha demonstrado ao longo de «Siesta argentina». Em seus passeios pela cidade, voltou a captar fachadas, cercas, grades, que indiretamente nos falam da violência que existe nas ruas e da qual o morador deve se proteger. Uma preocupação que se enterra na cor destas imagens, austeras, mas quentes, até luminosas, que evidenciam leveza e primam por uma procura de síntese e abstração mais do que pelo seu valor realista ou documental. ✕



Facundo de Zuviría
Oitava rosa com duas janelas, Buenos Aires, 2017
 Coleção privada, Paris
 © Facundo de Zuviría



Anastasia Samoylova. Image cities, a não-cidade

TEXTO: VICTORIA DEL VAL

De 15 de fevereiro a 14 de maio de 2023, o projeto vencedor da primeira edição do KBr Photo Award poderá ser visitado no Centro de fotografia KBr de Barcelona: a obra da fotógrafa russo-americana Anastasia Samoylova. Realizado em diferentes cidades do mundo, constitui um estudo visual da integração cada vez mais estreita entre a imagem fotográfica e o ambiente urbano.

Anastasia Samoylova nasceu em 1984 em Moscou, onde formou-se mestra em Design Ambiental pela Universidade Estatal de Humanidades da Rússia. Em 2008 mudou-se para os Estados Unidos para continuar sua formação e, em 2011, concluiu um mestrado em Estudos Artísticos Interdisciplinares na Bradley University.

Desde seus primeiros projetos, *Breakfasts e Landscape Sublime* – séries iniciadas em 2013 e ainda em andamento –, é possível ver como a composição das imagens para Samoylova é algo minuciosamente calculado, e como a *colagem* e a sobreposição de elementos são essenciais para obter o resultado que procura. Como ela mesma aponta, a influência de pintores da vanguarda russa, como Natalia Goncharova ou Liubov Popova, foi muito importante na hora de representar a natureza e suas manifestações¹. Com efeito, observamos que, nas fotografias de *Landscape Sublime*, a perspectiva se rompe para uma linguagem que poderíamos chamar de cubista, formas geométricas e planos de cor se acumulam e se sucedem, materiais

¹ Anastasia Samoylova, «Landscape Sublime», Masters in Digital Photography Lecture Series. Artist Talk at SVA, outubro de 2016.

Anastasia Samoylova
Lona impresa para cubrir un edificio, Moscú, 2021
Impresión de tintas pigmentadas sobre papel Hahnemühle Photo Rag Bright White de 310 g.
Cortesía de la artista.
© Anastasia Samoylova

se sobrepõem nas *colagens* visuais que criam essas paisagens, categorizados pela autora com base em seus temas: montanhas, tempestades, florestas, falésias, raios, etc.

Trata-se de um processo de trabalho marcadamente manual e artesanal, no qual imagens anônimas e isentas de direitos, encontradas na internet, são impressas, recortadas, coladas, montadas e levadas ao tridimensional para voltar ao bidimensional quando fotografadas. No processo de criação dessas estruturas efêmeras, pode-se apreciar a habilidade adquirida por Samoylova em sua formação universitária, já que para seus projetos acadêmicos ela mesma tinha que fabricar suas maquetes.

Para além do formal e da conexão com questões centrais da estética da arte como a natureza ou o sublime, surgem aqui abordagens relacionadas com o próprio uso da fotografia e a sua capacidade de moldar a nossa percepção da realidade. Ao longo de toda a série está presente a tensão entre o natural e o artificial, entre a fotografia anônima e a autoral, entre a paisagem natural e a natureza morta, entre as imagens diretas (*straight*) e as construídas.

O trabalho seguinte de Samoylova, *FloodZone*, representa uma continuação de algumas destas questões, mas também uma mudança de rumo, pois trata-se de um projeto em que a autora sai de seu estúdio para fotografar no exterior. Através de suas



Anastasia Samoylova
Sex Shop, Zürich, 2021
 Impresión de tintas pigmentadas sobre papel
 Hahnemühle Photo Rag Bright White de 310 g.
 Cortesía de la artista.

© Anastasia Samoylova

promoções de obras em andamento, uma promessa de felicidade futura que parece ultrapassada e fracassada de antemão. Aqui também notamos esse jeito muito particular que Samoylova tem de construir as imagens e que veremos também em obras posteriores, especialmente em *Image Cities*: jogos de reflexos, sobreposição de formas geométricas e planos de cor. Este projeto foi publicado em livro pela editora Steidl em 2019², ao que se seguiram exposições no History Miami Museum, no Chrysler Museum of Art em Norfolk, Virgínia, e, mais recentemente, no George Eastman Museum em Rochester.

Seguindo uma espécie de evolução natural, e sem solução de continuidade, *FloodZone* é sucedido pelo projeto *Floridas*, que também se materializa em um livro, publicado pela Steidl em 2022³. Editado por David Company —que também colabora no presente volume—, é o resultado do diálogo que a autora estabelece com a obra de Walker Evans, que fotografou o nascimento desse moderno estado da Flórida a partir dos

caminhadas pela cidade de Miami, ela se torna – e nos torna – consciente da dupla face da realidade na vida desta cidade e, com ela, das contradições inerentes à sociedade gerada por um capitalismo feroz.

Por um lado, nos apresenta um ambiente paradisíaco, mas que experimentou um crescimento e um *boom* da

especulação imobiliária sem freios e sem limites; por outro, retrata um lugar que está literalmente afundando —uma metáfora, talvez. As imagens do projeto nos mostram o lado menos atraente desta cidade: garagens inundadas, árvores caídas, conjuntos habitacionais alagados, juntamente com anúncios e outdoors de

² Anastasia Samoylova, *FloodZone*, Gotinga, Steidl, 2019.

³ Anastasia Samoylova, *Floridas*, Gotinga, Steidl, 2022.

Anastasia Samoylova
Reflejo del Arco del Triunfo, París, 2021
 Impresión de tintas pigmentadas sobre papel
 Hahnemühle Photo Rag Bright White de 310 g.
 Cortesía de la artista.
 © Anastasia Samoylova

anos 30. Evans chegou ao estado em 1934 devido a um projeto e continuou voltando por diversos motivos nas quatro décadas seguintes, durante as quais realizou inúmeras fotografias, talvez não tão famosas dentro de sua produção, que mostram a face menos reconhecível e estereotipada daquele lugar.

Em uma de suas viagens, Samoylova se deparou com *The Mangrove Coast: The Story of the West Coast of Florida*, um livro escrito pelo jornalista Karl Bickel e ilustrado por Walker Evans em 1942⁴. A autora viaja pelas estradas da Flórida a partir de 2016, recolhendo a herança de Evans, visitando os lugares que ele fotografou e mostrando o que o fotógrafo já havia antecipado: o estado da Flórida como um lugar único onde realidade e fantasia andam de mãos dadas e cujas contradições talvez possam ser extrapoladas para todo o país. As fotografias de ambos os autores são apresentadas paralelamente, misturadas, entrelaçando passado e presente, combinando imagens em preto e branco e em cores, por vezes sem que o leitor consiga distinguir a autoria de cada uma delas.

⁴ Karl Bickel, *The Mangrove Coast. The Story of the West Coast of Florida*, Nova York, Coward-McCann, 1942.



A abrangência geográfica é totalmente ampliada com o projeto que apresentamos neste livro, *Image Cities*. Trata-se de um trabalho exaustivo e consciencioso realizado em diversos locais e no qual Samoylova estuda a integração da fotografia e da imagem no meio urbano, fenômeno cada vez mais presente em nossa sociedade. O projeto,

que começou em Moscou e Nova York em 2021, foi concluído em outras cidades como Amsterdã, Paris, Londres, Bruxelas, Tóquio, Madrid e Barcelona graças ao KBr Photo Award.

A lista de cidades incluídas no trabalho é baseada no *ranking* estabelecido pela Globalization and World Cities Research Network da Loughborough



University⁵. Esta rede é o principal think tank sobre cidades na era da globalização e diversificou-se em questões relacionadas com este fenômeno, nas quais a preocupação com as relações entre as cidades se interrelaciona com a pesquisa sobre questões relacionadas

⁵ <https://www.lboro.ac.uk/microsites/geography/gawc/>

aos negócios internacionais, a sustentabilidade, a política urbana e a logística.

Samoylova nos mostra muitas cidades, mas poderíamos dizer ao mesmo tempo que se trata de uma só, unificada pela serialidade, pela repetição na sequência das imagens. Assim, como se estivéssemos diante do retrato de uma grande cidade global, sua representação nos

Anastasia Samoylova
Nave industrial bajo lona impresa, Moscú, 2021
 Impresión de tintas pigmentadas sobre papel
 Hahnemühle Photo Rag Bright White de 310 g.
 Cortesía de la artista.
 © Anastasia Samoylova

Anastasia Samoylova
Calle Arbat, Moscú, 2021
 Impresión de tintas pigmentadas sobre papel
 Hahnemühle Photo Rag Bright White de 310 g.
 Cortesía de la artista.
 © Anastasia Samoylova





Anastasia Samoylova
Protagonista femenina, Times Square, Nueva York, 2022
 Impresión de tintas pigmentadas sobre papel Hahnemühle Photo Rag Bright White de 310 g.
 Cortesía de la artista.
 © Anastasia Samoylova



Anastasia Samoylova
Salón de belleza, Nueva York, 2022
 Impresión de tintas pigmentadas sobre papel Hahnemühle Photo Rag Bright White de 310 g.
 Cortesía de la artista.
 © Anastasia Samoylova

convida a refletir sobre o papel da fotografia na criação da diferença entre a identidade de marca das cidades e a sua realidade cotidiana. Através das imagens fazemos um passeio por cidades em construção ou transformação nas quais a figura humana está pouco presente. São paisagens urbanas onde se acumulam guindastes, andaimes, painéis e fachadas falsas que escondem edifícios em obras, antecipando em suas renderizações o resultado

promissor que nos espera atrás. A figura humana surge em meio a todo esse imaginário publicitário em grande escala como uma espécie minúscula e ameaçada, que sucumbiu ao triunfo do consumismo e da especulação. Homens e mulheres caminham indiferentes, como se estivessem absortos em si mesmos, diante de faixas e outdoors dedicados a novos empreendimentos habitacionais de luxo, anúncios de tecnologia, joias, perfumes

ou moda em uma sequência de *collages* de cores vivas e contornos nítidos, jogos de reflexos ou composições em sucessão de planos.

Um último bloco deste trabalho foca no papel da mulher nas cidades. Não podemos ignorar que quem está por trás da câmera é uma mulher, uma mulher-fotógrafa. Até ela mesma é incorporada em algumas das imagens, revelando seu próprio reflexo nas vitrines. Leslie Kern, em

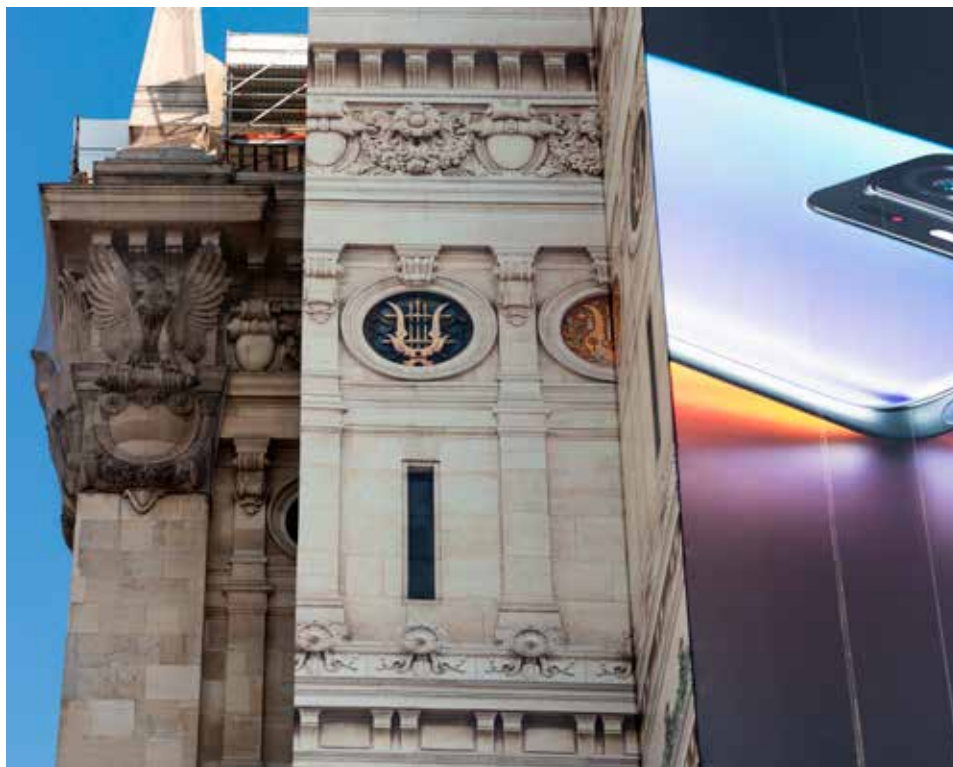
Anastasia Samoylova
Anuncio en Teatro de la Ópera,
París, 2021

Impresión de tintas pigmentadas sobre papel
 Hahnemühle Photo Rag Bright White de 310 g.
 Cortesía de la artista.
 © Anastasia Samoylova

seu livro *Cidade Feminista*⁶, se pergunta se pode haver um equivalente feminino para a figura masculina do *flâneur* de Charles Baudelaire. Nesse caso, Samoylova parece se tornar uma *flâneuse* contemporânea que percorre as cidades do século XXI, mostrando seu lado menos reconhecível e questionando o papel da mulher na cidade global. A figura feminina é o centro da sociedade de consumo, objeto e sujeito de uma publicidade que vincula sua existência ao luxo e ao glamour, e que pouco tem a ver com os problemas e preocupações cotidianas da grande maioria dos cidadãos.

Se no projeto *Floridas*, a referência a Walker Evans era clara e direta, nas imagens de *Image Cities* ressoam os motivos iconográficos da fotografia documental feita tanto por mulheres quanto por homens. Assim, encontramos ecos de Eugène Atget; de Berenice Abbott e seu *Changing New York* de 1939, narrando a transformação da cidade e o triunfo do novo sobre o velho; de *Reflections*, série realizada por Lisette Model também em

⁶ Leslie Kern, *Cidade feminista. A luta por espaço em um mundo desenhado por homens*, Manresa, Bellaterra Edicions, 2021.



Nova York e naquele mesmo ano; do *kitsch* que povoa as imagens de Stephen Shore; das fotografias coloridas da Nova York de Saul Leiter e, claro, de Lee Friedlander, um dos fotógrafos reverenciados por Samoylova e que, com seus jogos de planos, reflexos e paisagens urbanas, moldou o nosso imaginário das cidades dos Estados Unidos.

Como dizia Berenice Abbott, «a fotografia é o meio adequado para recriar o agora, o mundo vivo dos nossos dias»⁷. Mais do que uma herdeira destacada deste legado da fotografia documental, Anastasia

⁷ Berenice Abbott, «A fotografia na encruzilhada» (1951), em Joan Fontcuberta, ed., *Estética fotográfica. Uma seleção de textos*, Barcelona, Gustavo Gili, 2003, pg. 213-220.

Samoylova nos confronta, com seu projeto *Image Cities*, com o que há de mais vibrante e atual na vida das cidades. Desde que começou a trabalhar nele, grandes mudanças ocorreram globalmente: a pandemia de COVID-19 e a guerra na Ucrânia. Ambos acontecimentos transformaram muitas das regras do jogo que existiam até agora dentro da ordem mundial. Fiquemos atentos, porque não sabemos como será o mundo que está por vir, mas, de toda forma, será diferente. E o certo é que a fotografia estará aí para mostrá-lo. ✕



Influenciadores *adolescentes* vão lutar contra o abandono escolar

TEXTO: ANTONIA ROJO

O projeto ENDING, financiado pela União Europeia e liderado pela Fundación MAPFRE, utiliza a metodologia de aprendizagem entre pares para combater a evasão escolar causada pelo abuso das novas tecnologias.

A adolescência é uma viagem iniciática à força que tem muita aventura, sua dose de drama, uma pitada de comédia e suas horas de espera, devaneios e até tédio. A Organização Mundial da Saúde estabelece seus limites entre 10 e 19 anos. Todos nós passamos por isso e, em todos os casos, os centros educativos são um território de experiência, em que os jovens levam pelo menos uma vida dupla, entre os limites de seu perfil acadêmico e sua própria efervescência hormonal.

Há adolescentes que, voluntária ou involuntariamente, decidem sair de uma dessas vidas, a do sistema educacional, antes de se formarem. Muitos são os fatores socioeconômicos relacionados a essa situação, mas um dos mais relevantes e com incidência crescente tem a ver com o uso inadequado de novas tecnologias. Aqueles que o fazem não completam a segunda fase do Ensino Secundário (FP de Nível

Médio, Básico ou Bacharelado) nem seguem qualquer outro tipo de formação. Na Espanha, a taxa de abandono escolar tem sido historicamente superior à média europeia, mesmo num ano tão satisfatório como 2021, quando caiu para 13,3% (em comparação com 9,7% na UE), o maior decréscimo homólogo numa década. Um fato que deve servir para continuar promovendo estratégias contra essa evasão escolar.

Um deles é o ENDING, projeto europeu subsidiado pelo Erasmus + e liderado pela Fundação MAPFRE, cujas entidades colaboradoras na Espanha são a Polícia Nacional e as Telas Amigas; na Alemanha, a Stiftung Digitale Chancen, e em Portugal, ao Centro de Estudos Interculturais do ISCAP do Politécnico do Porto. Seu campo de batalha é justamente o mau uso das novas tecnologias e os riscos que advêm da exposição a um ambiente digital

em que os jovens, cada vez mais precoces, se exibem. A sua forma de abordá-lo é através de uma metodologia inovadora baseada na aprendizagem entre pares, cujo primeiro ator é o próprio aluno, acompanhado nesta sensibilização por professores e familiares. Um objetivo também respaldado pelos princípios norteadores da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança, que foi adaptado aos novos ambientes digitais (e perigos): «É dever dos pais e educadores nos centros educacionais promover a formação de crianças, enquanto os governos têm que fornecer a estrutura legal e as pré-condições» (Artigo 3).

Quando as TIC são um problema

A chegada da internet, e sua onipresente popularização na forma de celulares, aplicativos e redes sociais, tornou-se o maior elemento disruptivo contemporâneo. Também na área educacional. São muitas



© iStock

as vantagens que as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) têm contribuído para a melhor educação dos adolescentes. Basta pensar como os diferentes níveis do sistema educacional têm conseguido enfrentar os desafios impostos pela pandemia do coronavírus, com os confinamentos e os níveis de restrições sofridos em todo o mundo. Sem as TIC, a continuação do ano letivo não teria sido possível. E, ao mesmo tempo, foram as famílias com menos recursos digitais (falta ligada a uma situação econômica pior) que mais sofreram durante os isolamentos. Por isso, saber gerenciar adequadamente em um mundo digital é essencial para o futuro dos adolescentes, principalmente se eles pertencem aos grupos mais desfavorecidos.

Como toda inovação tem duas faces, é importante conhecer os riscos que as novas tecnologias inevitavelmente representam. O projeto ENDING procura, assim, ajudar professores, famílias e alunos a detectar os sinais de uso indevido das TIC, o que tende também a ter um impacto inexorável no desempenho escolar dos jovens e na conseqüente evasão escolar. Já em 2010, a Universidade Autônoma de Barcelona realizou um dos maiores estudos sobre a utilização de dispositivos tecnológicos entre os alunos do ESO, e a conclusão foi clara: os adolescentes que passavam mais de três horas por dia utilizando as TIC tiveram um desempenho pior nas aulas.

Mas o ENDING não quer ser «o típico projeto que tenta dar respostas ou soluções aos

adolescentes sem a sua opinião», destaca Antonio Guzmán, diretor da Área de Promoção da Saúde da Fundación MAPFRE, «antes, procura que sejam eles a propor, do seu ponto de vista e da sua experiência, como vêem estes problemas, como os detectam e que soluções dariam». É esta metodologia baseada na aprendizagem entre pares que faz do ENDING uma inovação pedagógica: «Aqui os alunos são os protagonistas, tanto na preparação dos materiais (com apoio do professor) como na formação dos seus pares mais novos, dos cursos anteriores», explica Guzmán. Capacitar os alunos, incluindo-os na solução do problema e não apenas no diagnóstico, e aproveitar a sua capacidade de influenciar os seus colegas mais novos está no cerne desta metodologia.

Detecção

Como um adolescente ou seu ambiente (família, amigos, professores) detecta que as TIC estão sendo usadas de forma inadequada? Falamos desses sinais ou indícios de que algo está acontecendo na vida do aluno. As mais óbvias podem ser as físicas, devido ao uso contínuo, excessivo e implacável dos dispositivos. Tendinite como o conhecido «polegar do jogador»; osteoartrite precoce, dor dorsal ou lombalgia; também obesidade, diabetes ou hipercolesterolemia, distúrbios do sono... Uma ampla gama de problemas físicos de nossos adolescentes tem a ver com esse tempo extra dedicado às TIC.

É dever dos pais e educadores nos centros educacionais promover a formação de crianças, enquanto os governos têm que fornecer a estrutura legal e as pré-condições». Artigo 3 da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança



© iStock

No nível psicológico, os sintomas podem aparecer quando se passa do nível de uso para o nível de abuso e seu extremo, o vício, em que «essa atividade é priorizada em relação às outras, com o restante das áreas da vida dessa pessoa sendo afetadas, de modo que o fato de não estar conectado gera um alto grau de desconforto». Isolamento, baixo desempenho acadêmico ou profissional, falta de interesse por outras disciplinas e de lazer ativo são suas *bandeiras vermelhas*.

Conscientização

Ser uma vítima digital ou algo é outra das faces sombrias do

mau uso das novas tecnologias. Os adolescentes devem saber que chantagem, coação, extorsão, ameaças ou mesmo insultos são diferentes formas ilegais, mais ou menos graves, de tentar condicionar a liberdade das pessoas através da Internet. «Em suma, são comportamentos de fácil execução que podem constituir crime, e cuja atuação não é apenas facilitada, mas também amplificada pelas características da rede», afirma o projeto *Guia para Professores ENDING*.

Pensamento crítico

Contra toda essa escuridão, ENDING também propõe

espaços de luz, como a promoção do pensamento crítico contra a desinformação: «É importante propor atividades que os ajudem a duvidar de si mesmos, de suas próprias abordagens, para que aprendam a limitar uma precipitada e veemente emissão de suas opiniões ou juízos de valor». Cultivar o pensamento crítico torna-se, assim, uma oportunidade para melhorar a vida pessoal e profissional, o que explica sua inclusão na lista de habilidades para a vida da OMS. ✕





Os novos vilões alimentares

TEXTO: ÁNGEL MARTOS

Por que excluímos cada vez mais ingredientes da nossa dieta? Que consequências isso pode ter? Analisamos a tendência social de apostar em dietas de exclusão sem diagnóstico médico.

«Que teu alimento seja teu remédio e que teu remédio seja teu alimento» é um aforismo grego de quase 2.500 anos atribuído a Hipócrates, o pai dessa ciência no Ocidente. Mas hoje comer é tanto indústria e marketing quanto saúde e tradição, e para muitos tornou-se uma atividade de risco marcada por alergias, intolerâncias, síndromes e outras doenças. Por isso, quando estamos com problemas gastrointestinais (segundo uma análise da American Gastroenterological Association, 40% da população mundial sofre com eles), tornou-se comum lançar um olhar desconfiado para a cesta de compras, para encontrar entre seus ingredientes o que nos faz bem e o que nos faz mal. Em alguns casos, uma dinâmica mais moral do que científica, que transforma nossa alimentação em um campo de batalha para anjos e demônios, superalimentos e vilões. Estes últimos, como sabemos pela Bíblia, foram banidos do céu, e é justamente a

essa dinâmica que a Fundación MAPFRE e a Academia Española de Nutrición e Dietética (AEND) dedicam o estudo Tendências de exclusão alimentar na população espanhola.

Na Espanha, de acordo com o estudo Tendências de exclusão alimentar na

população espanhola, realizado pela Fundación MAPFRE e a Academia Española de Nutrición e Dietética (AEND), 25% das pessoas seguem uma dieta sem lactose, provavelmente a mais praticada, e 8% tentam eliminar completamente o glúten. De todas elas, até 72% «podem estar seguindo estas dietas sem que a exclusão dos referidos componentes se justifique plenamente», afirmam os autores, sobretudo pela prevalência do autodiagnóstico: cada vez mais tomamos decisões sobre o que comemos sem mediar a prescrição médica. Estamos convertendo o socrático «conhece-te a ti mesmo» em «diagnostique a ti mesmo» e aplicando as correspondentes dietas de exclusão que podem representar «um risco para a manutenção da saúde ideal da população».

Estes números estão de acordo com estudos realizados a nível europeu e, sobretudo, com o mundo anglo-saxão, onde tornou-se moda e, conseqüentemente, indústria,



Capa do relatório *Tendências de exclusão alimentar na população espanhola*, elaborado pela Academia Española de Nutrición e Dietética (AEND) e pela Fundación MAPFRE.



© iStock

o consumo de alimentos «sem». De acordo com um artigo publicado pelo *The European Medical Journal*, 35% das pessoas autodiagnosticam alergias ou intolerâncias alimentares, ou as diagnosticam em seus filhos, quando se estima que a proporção real dessas condições afete apenas 2-5% da população geral. E, o que é mais grave, agem por conta própria, em vez de buscar um diagnóstico clínico. No Reino Unido, 45% dos britânicos dizem ter alergia ou intolerância alimentar e apenas 15% a confirmaram com um médico, de acordo com um

Uma alergia ou intolerância alimentar é uma patologia que deve ser diagnosticada por um médico

estudo da DNAFit, uma empresa de testes de saúde. Já nos Estados Unidos, uma pesquisa da Northwestern University descobriu que cerca de 20% das pessoas entrevistadas acreditavam ser alérgicas a alguns alimentos, quando apenas

10% experimentaram reações consistentes com essa condição.

«Uma alergia ou intolerância alimentar é uma patologia que deve ser diagnosticada por um médico», enfatiza a Dra. Eva Arranz, da Fundación MAPFRE. No entanto, o estudo espanhol constata que mais de 40% dos entrevistados reconhecem ter excluído um alimento do carrinho de compras sem um diagnóstico, mas como «resultado de uma reflexão pessoal». Mas, como aponta a Dra. Arranz, seguir uma dieta de exclusão sem justificativa e sem o acompanhamento adequado pode ter consequências



© iStock

inesperadas: «No caso de uma dieta sem lactose, pode haver risco de ingestão inadequada de cálcio, com possível impacto negativo na saúde e, em particular, na saúde dos ossos. E na dieta sem glúten pode faltar fibras, vitaminas (B12, D, ácido fólico) e outros nutrientes (ferro, cálcio, zinco, magnésio)».

Para contrariar estes riscos, a Academia Espanhola de Nutrição e Dietética apela à «responsabilidade social individual e dos grupos que os rodeiam, uma vez que tanto a família como os amigos são poderosos influenciadores dos

comportamentos alimentares, tanto positivos como negativos».

«Devemos seguir as recomendações dos profissionais de saúde sobre o que é uma alimentação saudável e, caso seja necessário deixar de ingerir algum alimento ou ter que seguir um tipo de dieta específica, é a eles que devemos recorrer», reforça a Dra. Arranz. Desde a Fundación MAPFRE, resumimos, como lembrete, quais são os conselhos de organismos internacionais para uma alimentação saudável: «Aumentar o consumo de frutas e verduras; reduzir o consumo de açúcares simples, sal e gorduras

saturadas, especialmente os ácidos graxos trans». Na nossa cultura, estas orientações já tinham sido destiladas pela tradição e sabedoria popular na forma de uma alimentação mediterrânea, rica em frutas e verduras, cereais integrais, peixe e carnes magras, azeite de oliva, leite e derivados, etc. Mas a alimentação não é tudo, por mais que a frase de Hipócrates coloque o foco nela. «Lembremos que devemos manter um estilo de vida saudável, seguindo uma alimentação equilibrada, fazendo exercícios físicos e abstendo-nos do consumo de toxinas», conclui a Dra. Arranz. ✕



Quando dizer adeus às chaves?

TEXTO: SILVIA MARTINELLI



A Fundación MAPFRE apresenta um estudo inédito realizado no Brasil que analisa a relação entre a população idosa e a condução de veículos, no qual são abordadas questões relacionadas à segurança viária, mobilidade, hábitos de deslocamento e o momento em que os idosos deixam de dirigir.

Formada por um grupo de 31,2 milhões de pessoas, a população idosa (60 anos ou mais) representa 17,4% do total de habitantes do Brasil, que atingiu a marca de 212,7 milhões em 2021. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), nos próximos 20 anos, um em cada quatro brasileiros terá mais de 60 anos e viverá, sobretudo, em áreas urbanas.

O envelhecimento da população e a urbanização são duas tendências marcantes e, hoje, representam um dos principais desafios para os governos. O envelhecimento tem um efeito direto na forma como as pessoas se deslocam nas cidades, devido às necessidades de acessibilidade e aos aspectos de saúde relacionados.

«Cada vez mais presente na economia e na sociedade, a porcentagem da população idosa vai crescer muito nos próximos anos. A longevidade entrou no radar de governos, instituições e da iniciativa privada, que a cada dia dão mais atenção a esse público de grande influência e poder de consumo», destaca Antonio de Carvalho Junior, gerente do Longevidade Expo + Fórum, o principal encontro brasileiro voltado ao público sênior.

O impacto do envelhecimento é ainda mais relevante para os motoristas do que para os pedestres, já que conduzir um veículo envolve uma variedade de capacidades físicas que afetam um público com perdas sensoriais e cognitivas importantes e que podem influenciar a sua capacidade de dirigir um veículo.

Cerca de 14% das pessoas entre 70 e 74 anos, por exemplo, já apresentam déficits visuais significativos.

Outro ponto fundamental para entender a relação da população idosa com a condução de veículos envolve questões sociais. Dirigir um veículo é uma atividade que proporciona autonomia ao idoso, que, se souber dirigir, desempenha um papel importante na dinâmica familiar, pois auxilia os demais membros da família em seus deslocamentos.

Tendo em vista que parte significativa dos habitantes das cidades é composta por idosos, é preciso tornar as cidades mais amigáveis e avaliar os riscos existentes, principalmente nos grandes centros urbanos, pois a redução da capacidade funcional dos idosos aumenta as oportunidades para que ocorram incidentes de trânsito.

Essas são algumas das conclusões expressadas no estudo



Capa do estudo *Adeus às chaves: perfil, segurança e o momento da transição*, elaborado pelo CEBRAP e pela Fundación MAPFRE.

Adeus às chaves: perfil, segurança e o momento da transição, elaborado pelo CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) em parceria com a Fundación MAPFRE. O estudo aborda questões relacionadas com a segurança viária, a mobilidade, os hábitos nos deslocamentos e o momento em que os idosos deixam de dirigir.

«Falar de população idosa e mobilidade urbana é estudar um fenômeno social no Brasil: o envelhecimento da população. Quando falamos de mobilidade urbana devemos ter em conta este aspecto, o envelhecimento da população, que vai para além da mobilidade urbana e que já vemos noutras fases da vida social. Temos que falar cada vez mais sobre esse assunto», diz Victor Callil, pesquisador do CEBRAP e coordenador do estudo.

Trata-se de uma importante pesquisa realizada com o objetivo de compreender como funciona a atividade de dirigir veículos entre o público idoso (60 anos ou mais), que representa 18% dos condutores com carteira de habilitação no Brasil. Os resultados mostram que a mobilidade urbana do idoso e sua decisão de parar ou não de dirigir é determinada por vários aspectos de sua vida social.

«Para a Fundación MAPFRE é uma grande satisfação poder contribuir para a divulgação de informações relevantes relacionadas ao trânsito e à terceira idade. Nosso objetivo é promover a disseminação de dados confiáveis que possam

auxiliar na formulação de políticas públicas e mobilizar o poder público e a própria sociedade na promoção de iniciativas capazes de garantir a segurança dos idosos em seus deslocamentos cotidianos e que tornem nosso trânsito mais humano e seguro para todos», destaca Fátima Lima, representante da Fundación MAPFRE no Brasil.

as motivações para abandonar as chaves, ou seja, o processo de deixar de dirigir. Durante a pandemia, muitos idosos que ficaram isolados pararam de dirigir e não retomaram essa atividade.

Os resultados mostram que, depois da pandemia, os idosos saem menos de casa: a maioria sai no máximo três vezes por semana, principalmente para visitar

ruas e rodovias brasileiras. Metade dessa população idosa que morreu no trânsito no Brasil nesse período (51%) tinha entre 60 e 69 anos, 33% tinha entre 70 e 79 anos e 16% tinha 80 anos ou mais.

Enquanto a proporção de incidentes sem colisão (por exemplo, no caso de frenagens bruscas que podem causar danos ou lesões cervicais ou contusões menores) em que estão envolvidos idosos é de 15%, no resto da população essa proporção representa menos de 10%. Estas ocorrências devem-se principalmente a problemas pessoais em que o indivíduo pode ter tido um problema de saúde, mas também devido a problemas de infraestrutura ou má sinalização.

Do total de idosos mortos em acidentes de trânsito, 43% eram pedestres, 32% eram condutores de veículos, 24% eram passageiros e 1% morreram ao entrar ou sair de algum veículo.

A pesquisa também levantou as notícias publicadas nos principais jornais de grande circulação nacional (no período de 1º de janeiro de 2017 a 15 de julho de 2022) sobre ocorrências de trânsito envolvendo idosos. E os resultados são contundentes: foram encontradas apenas 10 notícias, representando 11 ocorrências ou acidentes de trânsito envolvendo idosos, uma situação bem diferente da encontrada na Espanha, por exemplo, onde essas ocorrências ocupam uma dimensão pública maior.



© iStock

Resultados

A equipe de pesquisa do CEBRAP realizou um trabalho de campo e entrevistou 1.406 pessoas com 60 anos ou mais em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre. Ademais, foram criados quatro grupos de discussão com pessoas com 70 anos ou mais que continuam dirigindo ou que deixaram de dirigir há, no máximo, três anos.

Um dos objetivos deste estudo foi compreender a relação e

parentes e amigos. Os meios de deslocamento mais utilizados e que mantiveram a frequência de uso durante a pandemia entre esse público foram os deslocamentos a pé e de carro.

Incidentes de trânsito

Segundo o estudo, a população idosa representa cerca de 15% das mortes ocorridas em acidentes de trânsito no Brasil entre os anos de 2015 e 2020, com uma média anual de 4.977 óbitos entre idosos nas

Na maioria desses acidentes, os idosos eram pedestres. «Ou seja, os idosos são vítimas de um trânsito bastante violento, já que o incidente ocorreu por imprudência de outros motoristas. Esse dado reforça uma questão amplamente abordada no estudo, que é a de uma cidade amiga do idoso, a importância de tornar o ambiente urbano mais amigável para o idoso e para toda a sociedade», aponta Daniela Costanzo, pesquisadora do CEBRAP.

Pessoas com carteira de habilitação

O volume de pessoas com mais de 60 anos com habilitação para dirigir no Brasil cresceu a uma taxa média de 10% ao ano entre 2011 e 2021, chegando ao total de 18% de idosos com habilitação em 2021.

Os homens são a maioria entre as pessoas com carteira de habilitação em todas as idades, mas essa diferença cresce com o aumento da idade, caindo para apenas 29% das mulheres na faixa de 71 a 80 anos.

No Código de Trânsito Brasileiro não há indicação da idade máxima para dirigir. Existe, no entanto, uma redução do prazo de validade da carteira de habilitação. A partir de abril de 2021, as pessoas com mais de 70 anos têm a carteira com um prazo de validade mais curto, de apenas três anos.

No Brasil, a ação de dirigir é muito valorizada culturalmente, dada a rede de mobilidade do país, altamente adaptada para o uso do automóvel. Além disso, a

cessação da condução representa um momento delicado para a população idosa, muitas vezes associada à perda da autonomia. «Daí a importância de estudos como esse, para tentar mudar a ideia de que envelhecer implica em perda de faculdades quando implica também em maior sabedoria e é preciso ressaltar que o idoso ainda pode contribuir muito para a sociedade», afirma Fernanda Zerbini, pesquisadora da linha de direitos humanos e políticas públicas com ênfase nos direitos da pessoa idosa.

Entre os benefícios de dirigir citados por homens e mulheres que continuam dirigindo está, principalmente, a liberdade. As mulheres dão mais importância

às questões relacionadas aos benefícios cognitivos de manter essa atividade. «Acho que ter um carro é ótimo, traz benefícios. Portanto, não pretendo parar de dirigir, mas vou adiar a decisão para que eu possa analisá-la melhor, embora eu pense que cada pessoa deve estar ciente de quando chegou a hora», disse um dos participantes em um dos grupos de opinião organizados pelo estudo. Não obstante, o relatório também mostra que quando a pessoa maior se viu obrigada a deixar de conduzir se adaptou bem à nova situação, com a vantagem de que caminhar mais está associado a uma melhora da saúde e, ademais, aumenta a poupança que supõe se mover em transporte público. ✕



© iStock

Motoristas por gênero

As mulheres são uma minoria entre as pessoas com habilitação em todas as faixas etárias, mas à medida que envelhecem essa diferença se torna ainda mais evidente.

Na faixa etária entre 31 e 50 anos, as mulheres atingem a maior proporção entre as pessoas com carteira de habilitação: 44 %. Mas esse percentual diminui gradualmente à medida que entram na velhice, chegando a 21% na faixa etária de 81 a 90 anos e 13% entre as mulheres de 91 anos ou mais.



Ciberland, um parque de diversões contra os riscos do mundo virtual

TEXTO: ANTONIA ROJO FOTOGRAFIAS: FUNDACIÓN MAPFRE

A Polícia Nacional da Espanha e a Fundación MAPFRE unem forças e, acima de tudo, muita originalidade para criar um espaço de conhecimento e conscientização em torno da internet e das redes sociais, o Ciberland, que após a abertura em Madrid inicia sua viagem por outras províncias espanholas.

Um parque de diversões pode ser uma boa metáfora para a internet e as redes sociais, em sua promessa de diversão ligada à exaltação de sensações e hormônios. E nessa onda de adrenalina desenfreada e sem consequências, cada luz brilhante e cor berrante quer «convencer a todos nós de que todos estão se divertindo o tempo todo», parafraseando David Foster Wallace em seu livro *Uma coisa supostamente divertida que nunca mais vou fazer*. Mas a verdade é que na internet, como na vida, não existem tantos sistemas de segurança como em qualquer Disneylândia e os perigos espream, ou, para ser menos dramático, simplesmente existem.

Essa conexão retórica também está na origem do Ciberland, uma exposição itinerante organizada pela Fundación MAPFRE e pela

Polícia Nacional da Espanha que, com a legenda *Descubra o que as redes escondem*, te convida a descobrir os riscos do mundo digital e refletir sobre eles de forma atrativa e dinâmica. «Tudo que termina em “land” soa divertido, lúdico... e a internet e as redes sociais podem ser assim», explica Alicia Rodríguez, da Área de Promoção da Saúde da Fundación MAPFRE, «mas é muito importante conscientizar as pessoas de que existem riscos, saber preveni-los e poder fazer um uso responsável de todas as suas vantagens».

A exposição Ciberland brinca com a estética de um parque de diversões para construir sete espaços temáticos, entre os quais há até uma sala que simula labirintos de espelhos. São 470 m² por onde já passaram mais

de 4.000 pessoas durante a sua estadia em Madrid, durante o mês de outubro, e outras capitais espanholas como Sevilha e Valladolid. A maior parte dos visitantes são jovens entre 15 e 18 anos. Mas a verdade é que «qualquer pessoa pode ser vítima desses crimes», como ressalta a Polícia Nacional. Com efeito, existem riscos mais típicos da idade adulta, como o *phising*, técnica criminosa que consiste em enviar um e-mail fingindo ser uma entidade legítima (como um banco ou instituição pública), para obter informações pessoais do usuário e fazer uso fraudulento destas. Por outro lado, existe, por exemplo, o *grooming*, através do qual um adulto conquista a confiança de um menor por meio do engano, com o objetivo de obter do menor um benefício de natureza sexual. Em



primeiro espaço, descobrimos que, dos 8 bilhões de pessoas no mundo, 5,31 bilhões têm acesso à internet pelo celular (dados de janeiro de 2022). Ou que os usuários entre 16 e 64 anos podem passar em média quase sete horas por dia navegando na web. Além disso, oito em cada dez internautas (como esse termo já soa remoto...) dedicam seu tempo de lazer aos videogames. São precisamente os jogos online os protagonistas da sala seguinte, com uma decoração *gamer* em que se discutem os seus riscos e se convida a desenvolver um espírito crítico sobre os mesmos.

As salas seguintes descrevem os diferentes desafios que enfrentamos em nossas vidas virtuais, com suas realidades,

todo o caso, o principal objetivo do Ciberland é conscientizar os cidadãos «sobre a importância de cuidarmos da informação que apresentamos nas redes sociais, da segurança com que configuramos os nossos dispositivos, das relações online que mantemos, do tipo de lazer e, conseqüentemente, ter hábitos adequados na utilização saudável, segura e responsável das TIC» (tecnologias de informação e comunicação), afirma a Polícia Nacional.

O que nos espera quando chegamos ao Ciberland? Acima de tudo, há que destacar o cuidado estético da proposta, a vontade de informar e conscientizar através do entretenimento e do lúdico sobre as facetas mais obscuras da internet e das redes sociais. No



seus dilemas e suas bandeiras vermelhas, por meio de uma encenação que mistura informações escritas com jogos de perguntas e respostas e cenários coloridos e atraentes. Além disso, são divulgados muitos termos (aqui imperam os anglicismos) de práticas abusivas ou diretamente criminosas conhecidas pela Polícia Nacional, mas que podem ser desconhecidas do público em geral. Como o *vishing*, um telefonema em que o suposto operador, que se identifica como funcionário de um banco ou de uma instituição pública, pede dados pessoais ou mesmo acesso remoto a um dos nossos dispositivos para roubar nossos dados. Ou o *smishing*, técnica que envolve o uso de serviços de mensagens instantâneas fingindo ser, mais uma vez, uma entidade legítima, para obter informações pessoais do usuário e roubar sua identidade. «Também chama muito a atenção a nomofobia», revela Alicia Rodriguez, da MAPFRE, «o medo irracional, a inquietação, a ansiedade e o grande desconforto que uma pessoa sente por não ter o celular consigo e a incapacidade de desligá-lo mesmo em lugares onde seu uso é proibido».

Assim, percorremos o espaço dedicado às *fake news* (com o lema «Desconfie. Verifique. Decida»), às redes sociais e crimes relacionados (para saber o que é o cyberbullying, a violência digital, o *sexting*, o *sextortion*...), ao roubo de identidade (para fomentar a ideia de privacidade),



às consequências físicas e psicológicas do uso inadequado das tecnologias da informação... Por fim, encontramos um espaço de saída com paredes cor-de-rosa que se despedem de nós de forma positiva e nos convida a desenvolver uma boa saúde digital e adquirir ferramentas

para o uso consciente e contra o abuso e a dependência. «Não deixe que o celular controle a sua vida», diz um dos textos desta última sala. Parece fácil, mas certamente ressoa como uma resolução de Ano Novo para muitos de nós. Vamos colocá-lo em prática. ✕



O talento sênior reivindica seu lugar

TEXTO: RAMÓN OLIVER FOTOGRAFIAS: ISTOCK



O envelhecimento da população é um fenômeno tão inegável quanto generalizado em todo o continente europeu. Dados do Gabinete de Estatísticas da União Europeia (Eurostat) confirmam que o número de pessoas com mais de 65 anos na União Europeia já ultrapassa 20% da população total. Menos nascimentos e o aumento da expectativa de vida são as razões por trás desse fenômeno demográfico. Uma realidade que, no entanto, não tem qualquer relação com a situação laboral de um grupo que continua a ver-se sistematicamente afastado do mercado de trabalho: o dos sêniores.

O II Mapa do Talento Sênior-Espanha no contexto europeu, elaborado pelo Centro de Pesquisa Ageingnomics da Fundación MAPFRE, foi elaborado a partir de uma amostra representativa composta por sete países: Alemanha, França, Itália, Espanha, Polônia, Suécia e Portugal. Os países selecionados pertencem aos três grandes grupos geográficos europeus (norte, centro e sul) e a sua população total abrange mais de 70% de toda a UE.

Gestão de talentos sêniores país por país

Entre as principais conclusões deste estudo, deve-se destacar que:

- A Alemanha tem a maior proporção de sêniores na UE sobre o total de empregados. Ademais, suas empresas do setor automotivo são referência em boas práticas.
- Portugal conta com elevadas porcentagens de trabalhadores sêniores autônomos e empresas com sofisticados programas de incentivo salarial a pessoas com mais de 50 anos.
- A França está muito avançada em igualdade de gênero no

que diz respeito ao emprego sênior. Suas multinacionais do setor financeiro se destacam por promover programas *age friendly*.

- A Itália apresenta o maior crescimento no emprego de sêniores na UE. Destacam-se as boas práticas de formação de sêniores, tanto em *reskilling* como em *upskilling*.
- A Polônia é o país, dentre os analisados, em que o emprego de mulheres sêniores mais cresceu.
- A Suécia é um modelo a seguir em todos os indicadores e apresenta as melhores taxas de atividade e emprego para o grupo sênior em toda a UE.
- A Espanha melhorou seus dados tanto de emprego quanto de empreendedorismo. No entanto, nossos números ainda estão longe dos suecos (taxa de emprego de 65% na Espanha contra 85% na Suécia) e dez pontos abaixo da média europeia. Analistas do centro de Pesquisa Ageingnomics estimam que a redução dessa lacuna permitiria um aumento do PIB nacional entre cinco e dez pontos.

O caso da Espanha

Na Espanha, um em cada três desempregados tem mais de 50 anos. Metade desses trabalhadores estão desempregados há bastante tempo. Além disso, a Espanha é o país que apresenta a maior taxa de desemprego feminino sênior. Números que não condizem muito bem com os discursos de inclusão e de luta contra a discriminação etária lançados insistentemente por governos e empresas. E, sobretudo, dados que mostram um desperdício de talento que, como ressalta Íñigo Sagardoy, professor de Direito do Trabalho da Universidade Francisco de Vitória e presidente da Sagardoy Abogados, «a Espanha não pode pagar».

Autônomos e Empreendedores

O trabalho autônomo, seja como freelancers ou como empresários, tem surgido como uma das principais alternativas que os profissionais veteranos têm para reativar as suas carreiras e atestar a sua experiência. Especialmente na Espanha, onde as taxas de empreendedorismo dos sêniores (55-64 anos) são as



© iStock

mais elevadas do continente. Um fato que mostra que os sêniores espanhóis são os europeus mais dispostos a empreender. Dispostos ou... obrigados? A grande maioria recorre à fórmula do autoemprego mais por necessidade do que por vocação empresarial.

Vantagens dos sêniores

Para uma empresa, ter trabalhadores experientes em seu quadro de funcionários traz muitas vantagens. Capacidade de resiliência, capacidade analítica, pensamento crítico, tolerância à pressão, comprometimento ou o simples —mas decisivo— fato de ter vivido muitas experiências e situações no passado são apenas algumas delas. No outro extremo, uma certa rejeição à mudança, uma suposta inflexibilidade e a exclusão digital aparentemente

intransponível costumam ser as razões apontadas para justificar as baixas taxas de contratação no segmento 50+.

Muitas dessas objeções, no entanto, decorrem de estereótipos culturais profundamente enraizados que

se perpetuam nas empresas. Alguns clichês que fazem muito estrago pois, além de não serem sustentados por evidências, aumentam a diferença entre as gerações em vez de tentar fazê-las somar.

Existe mesmo uma brecha digital?

A suposta incapacidade de gestão em ambientes digitais dos sêniores é uma das maiores armadilhas que o mercado de trabalho espanhol armou para si mesmo. Por um lado, as empresas lamentam que não haja especialistas suficientes para cobrir as vagas de perfis tecnológicos que a revolução digital demanda. Mas, por outro, não parecem dispostos a contemplar outras opções a não ser ocupá-los com perfis Z ou, no pior dos casos, *millennials*. Ou seja, por um lado, exige-se flexibilidade dos sêniores, mas, por outro, é o mercado



© iStock

de trabalho que é incapaz de demonstrá-la, recusando-se a tirar-lhes o rótulo de «analógico».

Cada vez mais áreas insistem que a solução para esta equação passa por ampliar o espectro geracional e por proporcionar uma boa formação de atualização tecnológica aos sêniores, de forma a adaptar os seus perfis às novas necessidades digitais. Algo que, ademais, enriqueceria muito as abordagens deste tipo de projeto ao incorporar visões diferentes das habituais neste setor.

A taxa de emprego do grupo sênior espanhol situa-se dez pontos abaixo da média europeia. Especialistas pedem medidas para impulsionar seu crescimento

As próprias empresas são as primeiras a perceber a imensa riqueza de talentos que estão perdendo ao virar as costas para os grisalhos. Nesse sentido, Íñigo Sagardoy incentiva as empresas a liderar uma mudança de modelo através do exemplo. «As boas práticas empresariais são um motor muito eficaz para que empresas e organizações de todo o tipo vejam no talento sênior um aliado que habitualmente as torna mais competitivas e produtivas». ✕

Recomendações

O estudo elaborado pelo centro de Pesquisa Ageingnomics da Fundación MAPFRE oferece uma série de recomendações para melhorar a situação laboral do grupo sênior na Espanha.

1.

Um grande pacto nacional para a promoção do emprego sênior que corte pela raiz o desperdício de talento dos espanhóis. Este compromisso abrangeria os principais agentes empregadores da Espanha, desde as administrações públicas até os partidos políticos, sindicatos, grandes empresas e associações empresariais.

2.

Aprovação de um pacote legislativo para o trabalho sênior que melhore a fórmula de conciliação da pensão e do trabalho, penalize a aposentadoria antecipada e a pré-aposentadoria, e promova o reconhecimento expresso dos direitos de igualdade geracional, bem como o combate ao preconceito de idade.

3.

Medidas de responsabilidade corporativa com a adoção, extensão e promoção urgente de programas na área do talento sênior.

4.

Mudanças regulatórias e culturais que permitam prolongar a atividade laboral. Todas as instâncias devem entender que trabalhar mais anos vai se tornar uma necessidade inevitável, positiva para a saúde física, mental e econômica das pessoas e benéfica para toda a sociedade.

5.

Na Espanha, é urgente alcançar melhores índices de emprego sênior nos grupos com mais de 60 anos, conseguir um número maior de mulheres sêniores ativas no mercado de trabalho e estender a fórmula do trabalho de meio-período como forma de permanência no mercado.

6.

O emprego autônomo e o empreendedorismo sênior devem ser fomentados pelos poderes públicos com reduções fiscais atraentes, ajudas públicas e reduções nas contribuições dos trabalhadores autônomos.

7.

A formação ao longo da vida dos trabalhadores espanhóis com mais de 50 anos é uma pendência que as administrações, mas também as empresas, têm de superar através de novos programas de requalificação profissional (*reskilling* e *upskilling*).

8.

Exige-se a organização e implementação de um ativismo sênior na Espanha, promovido desde a sociedade civil, que ajude a dar visibilidade a este grupo e denuncie e inviabilize ações flagrantemente idadistas dos governos e das empresas.

9.

Por fim, os próprios sêniores devem estar cientes de que, por mais atraente que pareça antecipar a idade oficial de aposentadoria, é economicamente inviável e prejudicial à sua saúde física e emocional parar de trabalhar quando ainda se tem uma longa vida pela frente.

Outra maneira de ajudar

TEXTO: LAURA SÁNCHEZ

Almofadas contra o câncer de mama

A Associação Amigas do Patchwork, formada por um grupo de 15 mulheres e uma professora da cidade galega de Noia, confecciona todos os anos mais de 200 almofadas em forma de coração para doar a mulheres recém mastectomizadas. Não se trata apenas de um impulso para animar essas mulheres, mas também uma ferramenta para que elas possam enfrentar o pós-operatório de maneira mais suportável, uma vez que são almofadas anatomicamente benéficas.

Entre alguns de seus benefícios, a almofada evita o atrito do braço na ferida, dá sustentação ao braço e à musculatura do ombro e pescoço, proporciona uma postura adequada, conforto e a segurança necessária no pós-operatório de um câncer de mama. O coração tem uma reentrância muito pronunciada, de modo que pode encaixar precisamente sob o braço do lado da mama operada. Por outro lado, permite amortecer golpes ou empurrões na zona afetada e, a nível emocional, reforça a autoestima das

pacientes e faz com que saibam que não estão sozinhas.

Desta forma, as mulheres da associação procuram cores «alegres e chamativas» e, uma vez encontradas, lavam os tecidos a 40 graus e os passam a ferro. Após esse processo, duas colegas da entidade se encarregam de cortá-los com as medidas específicas. O acolchoamento das almofadas também é adquirido muito especificamente porque tem que ser 100% algodão. Quando a almofada fica pronta (leva apenas uma hora para ser costurada) passa a fazer parte de um dos dois lotes que todos os anos são enviados para o Hospital Clínico Universitário de Santiago.

As almofadas conseguem amortecer a dor física, mas também a emocional, apoiando as mulheres recém operadas no difícil processo que atravessam. De fato, algumas das voluntárias encarregadas de costurar as almofadas também já passaram pela doença, por isso conhecem exatamente as sensações e emoções destes momentos difíceis, e afirmam que é fundamental saber que não estão sozinhas.



© iStock

Visibilizando a pobreza menstrual

A ONU estima que existam 1,8 bilhões de mulheres em idade menstrual no mundo, 500 milhões das quais não têm acesso a produtos básicos de higiene íntima para menstruação: sem absorventes e muito menos as soluções mais inovadoras já existentes no mercado. Isto é agravado pela falta de educação sobre o assunto – a menstruação continua sendo um tabu em muitos países do mundo – e pela impossibilidade de acesso a pontos de água potável.

Um desses países onde a pobreza menstrual é esmagadora é o Quênia, onde cerca de 65% das mulheres não têm acesso a produtos de higiene menstrual. Seja porque não podem



© iStock

pagar por eles ou porque desconhecem sua existência, esses produtos são um verdadeiro luxo para as quenianas.

Muitas jovens que vivem nesses países escondem sua menstruação e deixam de ir à escola porque ficam constrangidas de que outras pessoas saibam que estão nesses dias. Há meninas que a escondem porque

significa que cresceram e estão prontas para se casar.

Por isso, a entidade Save a Girl, Save a Generation realizou um documentário chamado The Menstrual Gap (A Brecha Menstrual), que denuncia a desigualdade a que estão submetidas as mulheres em muitas regiões do mundo pelo simples fato de menstruarem, e o preço alto que muitas vezes têm que pagar para passar por isso. Sempre que este documentário for compartilhado em qualquer rede social com a hashtag #themenstrualgap, a entidade receberá uma doação de um euro. <https://www.savegirlsaveageneration.org/>

Sirva-me um menu solidário

O número de pessoas no mundo que precisam de ajuda alimentar continua aumentando a um ritmo alarmante: 690 milhões de pessoas no mundo (quase 9% da população) sofrem de fome. Por este motivo, o setor de hotelaria na Espanha se mobilizou no âmbito da iniciativa Hotelaria Contra a Fome, englobando pela primeira vez diferentes estabelecimentos do setor, como restaurantes, bares, cafeterias e hotéis.

Esta iniciativa é mais um passo além da anterior, Restaurantes Contra a Fome, que já contava com doze edições consecutivas e mais de 1,4 milhões de euros angariados. No total, participaram 9.000 restaurantes e conseguiram mais de 30.000 tratamentos contra a desnutrição.

A Ação Contra a Fome é a entidade responsável pela coordenação desta campanha, que prevê um elevado envolvimento do setor hoteleiro. Esta participação pode ser feita de duas formas distintas: por um lado, os estabelecimentos que queiram ser



© iStock

solidários podem pagar um valor anual com base na doação que pretendem efetuar. Por outro lado, existe a opção de preparar um cardápio ou prato solidário, de forma que, quando seus clientes o solicitarem, parte do valor vira uma doação extra para a Ação Contra a Fome.

O público pode acessar a lista de estabelecimentos hoteleiros cadastrados no site da campanha. <https://hostelariacontraelhambre.accioncontraelhambre.org/>



A Fundación MAPFRE Guanarteme muda seu nome para Fundación MAPFRE Canarias

TEXTO: REDAÇÃO LA FUNDACIÓN FOTOGRAFIA: MAPFRE

A fim de estreitar ainda mais seu vínculo com os habitantes das Ilhas Canárias (Espanha), onde há quase 40 anos realiza um importante trabalho social, cultural, de prevenção e de formação, a Fundación MAPFRE Guanarteme acaba de mudar de nome.

O novo nome da Fundación MAPFRE nas Ilhas Canárias, onde é uma referência institucional, incorpora a palavra Canárias, que engloba e mostra de forma clara seu crescimento natural nos últimos anos, e serve como reconhecimento de quase quatro décadas de atividade social com a qual percorreu todos os cantos das ilhas para ajudar a melhorar a vida dos canários.

Com esta nova denominação, a Fundación MAPFRE Canarias celebra o longo caminho percorrido, especialmente intenso nos últimos dois anos, com a crise sanitária e a erupção vulcânica na ilha de La Palma, entre outros, e aguarda com expectativa os projetos que estão por vir, com novas propostas de ação social, cultural, formativa e de prevenção, que lhe permitirão continuar respondendo às mudanças sociais e econômicas mais urgentes que a sociedade canária atravessa atualmente.

Um vínculo sólido com os canários

A decisão, aprovada em reunião do corpo diretivo em 1º de dezembro, permite à entidade evoluir, reforçar seu posicionamento e construir uma identidade social afim e de acordo com o que a sociedade espera, além de criar um vínculo sólido e estável com cada uma das pessoas que fazem parte de sua comunidade. ⊗



Fundación **MAPFRE**
Canarias



En Fundación MAPFRE trabajamos a cambio de la recompensa más increíble del mundo.

La recompensa emocional.

Por eso, estamos repartidos por todo el mundo recibiendo mucho más de lo que damos.”

Fundación **MAPFRE**

CONSTRUYENDO UN FUTURO **MÁS HUMANO**

Fundación
MAPFRE

www.fundacionmapfre.org

ESP/CONSULTA NUESTRA REVISTA ONLINE

ENU/CHECK OUR ONLINE MAGAZINE

PTB/CONFIRA NOSSA REVISTA ON-LINE

[https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/
publicaciones/revista-fundacion/](https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/publicaciones/revista-fundacion/)

